

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

**O *INGLIDING* CARACTERÍSTICO DO FALAR DE PORTO ALEGRE (RS):
UM ESTUDO DE PRODUÇÃO, PERCEPÇÃO E ATITUDES**

PORTO ALEGRE

2016

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

**O *INGLIDING* CARACTERÍSTICO DO FALAR DE PORTO ALEGRE (RS):
UM ESTUDO DE PRODUÇÃO, PERCEPÇÃO E ATITUDES**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti
Orientadora

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

Deixo os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, com seu apoio, tornaram possível a realização do curso de Licenciatura em Letras, deste trabalho e da pesquisa que o subsidia.

À professora Elisa Battisti, que sempre me orientou, acompanhou e incentivou com muita generosidade, solidariedade, atenção e profissionalismo. A ela, devo o valioso ensinamento de que a pesquisa, quando é levada a sério e resulta de um processo colaborativo de troca de conhecimento, é tanto instigante quanto prazerosa.

Aos professores Luiz Carlos Schwindt e Gisela Collischonn pelo trabalho de qualidade que realizam como professores e pesquisadores e pelos ensinamentos e contribuições que pude receber tanto nas disciplinas cursadas quanto em comunicações de pesquisa. A eles, devo grande parte da motivação que me fez escolher o caminho da pesquisa em Fonologia.

À FAPERGS, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica que financiou meus estudos; À UFRGS, pela oportunidade de estudo.

À Débora Heineck, grande amiga e parceira, agradeço pelo apoio constante em todos os momentos dessa trajetória, pela compreensão mútua, pelo aprendizado que ela tão generosamente me proporciona e pelo sorriso sincero de quem partilha comigo tanto a dificuldade dos momentos desafiadores quanto a felicidade das conquistas.

À Viviane Moras, colega de pesquisa e companheira de entrevistas sociolinguísticas, com quem partilho valiosas descobertas.

A Renato Augusto de Barba, meu companheiro desde o início da graduação, que sempre está disposto a me ajudar no que for necessário e com quem aprendo diariamente. Agradeço por todo o carinho, apoio e incentivo que recebo constantemente, que me motivam a continuar seguindo o caminho que escolhi trilhar com alegria e amor.

Aos demais professores e colegas da Letras, ao grupo de pesquisa e aos participantes do Círculo Linguístico, que me proporcionam muito aprendizado.

A todos os meus amigos e familiares que, ao se fazerem presentes, apoiaram, mesmo que indiretamente, o período de graduação.

Em especial, aos meus pais, Homilda e Tomaz, que me proporcionam, sempre, todo o apoio necessário para que o meu aprendizado seja o mais proveitoso possível. Agradeço por sempre terem me dito que, com dedicação, eu seria feliz em qualquer caminho que escolhesse percorrer.

RESUMO

Este trabalho retoma etapas anteriores (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014) do estudo de *ingliding* de vogais em sílabas tônicas (*né~néah*, *agora~agoahra*) do falar de Porto Alegre (RS) com o objetivo de testar os resultados, até então encontrados, em nova etapa de análise. Verificam-se condicionadores linguísticos da aplicação de *ingliding*, sob hipótese de que o processo decorra de marcação de frase entoacional, com efeitos de marcação duracionais e melódicos (FROTA, 1998), e tenda a ocorrer em vogais médias abertas. Do ponto de vista social, testam-se resultados de estudo de percepções e atitudes (OLIVEIRA, 2015) que revelam tendência a considerar o processo como característico do falar *porto-alegrense*, de *moradores da região central* (principalmente do bairro Bom Fim) que apresentam falar com *sotaque* e podem ser *descontraídos*, *desencanados*, *descolados* e *preguiçosos*, características que podem figurar em um campo indexical (ECKERT, 2008). A metodologia adotada atrela análise de regra variável (quantitativa) a análise de conteúdo (qualitativa), a partir da qual se considera que a variável em questão não apenas seja resultado de categorias macrossociais como se constitua como elemento de construção de identidade social a partir da perspectiva estilística em sociolinguística (ECKERT, 2005). O *corpus* é composto de amostra piloto de entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, do qual foi analisada a entrevista de uma informante que possui significativa aplicação de *ingliding* em seu falar. Do ponto de vista linguístico, os resultados reforçam as seguintes hipóteses a respeito do *ingliding*: (i) trata-se de efeito de marcação de frase entoacional; (ii) é favorecido por vogais médias abertas – próximas, em termos articulatórios, do *glide* central – e tende a ocorrer em sílaba aberta – estrutura favorecedora do aumento de duração, o que, atrelado a centralização, constitui o *ingliding*. Do ponto de vista social, as hipóteses associadas ao *ingliding* são: (i) pode ter como perfil favorecedor pessoas do sexo feminino, da segunda faixa etária (40 a 59 anos), de classe social alta, que frequentem a vida cultural da zona central da cidade com regularidade; (ii) como construção de estilo, associa-se aos significados sugeridos no estudo de percepções e atitudes e os reinterpreta: compõe um estilo vinculado às reivindicações do movimento jovem ocorrido no Bom Fim nos anos 1980 – inovação cultural e liberdade de direitos defendidas por movimentos sociais – e está sujeito a ressignificação a cada novo uso da língua, como se espera de índices de segunda ordem (SILVERSTEIN, 2003). Mais do que significar pertença a Porto Alegre, o *ingliding* associa-se àquilo que seus usuários acreditam que um porto-alegrense é.

Palavras-chave: *ingliding*; Fonologia; Atitudes; Estilo; Identidade.

ABSTRACT

This work returns to previous steps (BATTISTI, 2013; BATTISTI and OLIVEIRA, 2014) of the study of inglided vowels in stressed syllables (*né~néah*, *agora~agoahra*) of the speech of Porto Alegre (RS) in order to test the results found so far in a new analysis step. Linguistic conditioning of ingliding is verified under assumption that the process is a result of intonational phrase marking, which has durational and melodic marking effects (FROTA, 1998), and that it tends to occur in open mid vowels. Concerning social conditioning, this study tests the results of the perceptions and attitudes study (OLIVEIRA, 2015) that reveal a tendency to consider the process as a characteristic of *porto-alegrense* speech, of *residents of the central region* (mainly of the neighborhood Bom Fim) who have a marked *accent* in their speech, and who may be *relaxed*, *carefree*, *hipsters* and *lazy*, features that can appear in an indexical field (ECKERT, 2008). The methodology combines variable rule analysis (quantitative) and content analysis (qualitative), from which it is considered that the variable in question is not only a result of macro-categories, but an element of social identity construction from the stylistic perspective in sociolinguistics (ECKERT, 2005). The corpus is composed of a pilot sample of sociolinguistic interviews of LínguaPOA, of which was analyzed the interview of one informant who has significant ingliding occurrence in her speech. From a linguistic point of view, the results reinforce the following assumptions about ingliding: (i) it is an intonational phrase marking effect; (ii) it is favored by open mid vowels – which are close, in terms of articulation, to the central glide – and tends to occur in open syllables – structure that favors duration increase, which, together with centralization, constitutes the ingliding. From the social point of view, the hypothesis associated with ingliding are: (i) it may have a social profile that favors it: women, from the second age group (40-59 years), high social class, and who attend the cultural life of the central zone of the city regularly; (ii) as part of the construction of style, it is associated with the meanings suggested in the study of perceptions and attitudes and it reinterprets it: it composes a style related to the demands of the youth movement in Bom Fim neighborhood in the 1980s – cultural innovation and freedom of rights advocated by social movements – and it is subject to reinterpretation in each new use of language, as it is expected from second-order indexes (SILVERSTEIN, 2003). More than meaning belonging to Porto Alegre, the ingliding is associated to what its members believe that a *porto-alegrense is*.

Keywords: Inglding; Phonology; Attitudes; Style; Identity.

LISTA DE ABREVIACOES E SÍMBOLOS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
OP	Orçamento Participativo
ObservaPOA	Observatório da cidade de Porto Alegre
EPTC	Empresa Pública de Transporte e Circulação
NURC	Projeto Norma Urbana Culta
VAR SUL	Projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País
ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
ω	Palavra prosódica
ϕ	Frase fonológica
I	Frase entoacional
U	Enunciado

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Mapa de Porto Alegre por regiões de OP	23
Figura 2 – Mapa das zonas de atendimento dos ônibus de Porto Alegre	24
Figura 3 – Representação de <i>ingliding</i> sobre o trapézio das vogais	33
Figura 4 – Representação integrada de fonética e fonologia da vogal tônica de ib[ɔ]pe e ib[ɔɐ]pe	35
Figura 5 – Frequência fundamental (F ₀) de [h[ɔɐ]je] _I sobre espectrograma do PRAAT	36
Tabela 1 – Resultados dos informantes do Grupo 1 (G1) para o questionário de percepção e avaliação sobre os falares de R(fem) sem (esquerda) e com (direita) <i>ingliding</i> e alongamento vocálico	38
Tabela 2 – Resultados dos informantes do Grupo 1 (G1) para o questionário de percepção e avaliação sobre os falares de M(masc) sem (esquerda) e com (direita) <i>ingliding</i> e alongamento vocálico	39
Gráfico 1 – Médias dos resultados dos informantes do Grupo 1 e do Grupo 2 para os falares com <i>ingliding</i> e alongamento vocálico de R(fem) (esquerda) e M(masc) (direita)	40
Figura 6 – Mapa de Porto Alegre (regiões) do ObservaPOA	41
Figura 7 – Campo indexical do <i>ingliding</i> no português de Porto Alegre (RS)	42
Tabela 3 – 8 informantes da amostra piloto do acervo LínguaPOA	47
Quadro 1 – Variáveis linguísticas independentes consideradas na análise	48
Tabela 4 – Resultados da análise de regra variável para a variável <i>vogal nuclear</i>	57
Tabela 5 – Resultados da análise de regra variável para a variável <i>tipo de sílaba</i>	58
Tabela 6 – Resultados de ocorrência e proporção de aplicação para a variável <i>contexto fonológico seguinte</i>	60
Tabela 7 – Resultados de ocorrência e proporção de aplicação para a variável <i>posição do acento na palavra</i>	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Produção linguística sob a perspectiva variacionista: breve panorama	12
2.2 Percepções e atitudes linguísticas	14
2.2.1 Indicadores, marcadores e estereótipos vs. índices de primeira e segunda ordem	15
2.3 As três ondas da sociolinguística: da macrossociolinguística à perspectiva estilística	17
2.3.1 Primeira onda	18
2.3.2 Segunda onda	19
2.3.3 Terceira onda	20
2.4 A comunidade de fala de Porto Alegre	22
2.4.1 Porto Alegre e suas subdivisões	22
2.4.2 O movimento jovem dos anos 1980	25
2.4.3 Variação fonético-fonológica: o contraste capital-interior	29
3 O <i>INGLIDING</i> CARACTERÍSTICO DO FALAR PORTO-ALEGRENSE: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO	32
3.1 <i>Ingliding</i> ou ditongação?	32
3.2 Encaixamento linguístico	33
3.3 Encaixamento social	36
4 METODOLOGIA	44
4.1 Questões de pesquisa e objetivos	44
4.2 Procedimentos metodológicos	45
4.2.1 As entrevistas sociolinguísticas	46
4.2.2 A amostra	47
4.2.3 Análise de regra variável	48
4.2.4 Análise de conteúdo	50

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
5.1 Análise de regra variável	51
5.1.1 Codificação dos dados para estrutura prosódica e a redefinição da variável dependente	54
5.1.2 Vogal nuclear	55
5.1.3 Resultados da rodada estatística	56
5.1.3.1 Variável vogal nuclear	56
5.1.3.2 Variável tipo de sílaba	58
5.1.3.3 Variáveis contexto fonológico seguinte e posição do acento na palavra	59
5.2 Análise de Conteúdo	61
5.2.1 O <i>ingliding</i> e a construção de estilo	64
6 CONCLUSÃO	72
7 REFERÊNCIAS	74
8 ANEXOS	78
Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	78
Anexo 2: Ficha de Entrevista	79
Anexo 3: Roteiro de Entrevista	80

1 INTRODUÇÃO

A complexa relação entre língua e sociedade tem despertado interesse e busca por inovações teórico-metodológicas nos estudos sociolinguísticos. Conceber língua como fato social e considerar a interinfluência entre língua, sociedade e aspectos variáveis das línguas em seu estudo é inserir um problema de pesquisa na análise linguística: se a língua é social, a produção linguística e a variação natural decorrente dessa produção estão condicionadas à complexidade da estrutura social.

Se os estudos de William Labov propõem uma metodologia de análise estatística que torna possível, através do uso de macrocategorias demográficas de estratificação social e econômica, a quantificação do estudo de variação e mudança linguística, sua operacionalização acaba deixando lacunas que motivam a criação de novas vertentes de estudo. O que o favorecimento da aplicação de uma regra variável, em uma dada comunidade, diz sobre seus padrões de variação e sobre a comunidade?

Essa resposta tem de ser relativa ao contexto social da comunidade, e necessita busca por informações sociais sobre os sentidos que são atribuídos às variantes em contextos determinados. A uma análise quantitativa, faz-se necessário associar uma análise qualitativa: se a ciência exige unidades de medida, é preciso que as mesmas sejam explicadas em contexto. É buscando tal complementariedade que o presente estudo se constitui.

O *ingliding* de vogais em sílabas tônicas do português falado em Porto Alegre (*né~néah, agora~agoahra*), embora esteja presente em concepção estereotipada que se tem do falar da comunidade porto-alegrense, não parece ter proporção de aplicação significativa dentro da cidade. O que pode explicar, então, o fato de que, mesmo que pareça ocorrer pouco, o *ingliding* seja associado por muitos gaúchos ao falar típico de Porto Alegre? É possível que se trate de mera idiossincrasia ou estilização proposital da fala e não possua condicionamentos linguísticos e sociais?

O caminho para a investigação dessas questões tem de envolver o método clássico de pesquisa em sociolinguística: parte-se do princípio de *heterogeneidade ordenada*, isto é, de que a variação na estrutura não é meramente casual ou aleatória, mas movida por pressões linguísticas e sociais. Mas a natureza do *ingliding* requer uma ampliação na abordagem: o fato de ser uma variável linguística de provável baixa aplicação e que não se encontra em mudança em progresso é aqui considerado como instigante problema de pesquisa.

O intento é tratar da construção de estilo sem ignorar a atenção dada às características estruturais definidoras do processo, bem como problematizar de que maneira o significado

social é reflexo de categorias sociais e da identidade de grupos sociais, e em que medida também as posições ideológicas, crenças, percepções e atitudes dos usuários da língua, em conformidade com as comunidades de prática de que participam, atuam no uso da variante com *ingliding* como recurso para construção identitária. Parte-se do princípio de que é preciso considerar *estilo* no estudo de variação, já que a língua não só reflete o social como o cria e o recria.

Os objetivos específicos do trabalho são, então: investigar a configuração da comunidade de fala de Porto Alegre relacionando presença *versus* ausência de *ingliding* a seus estratos sociais; verificar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a aplicação da regra de *ingliding* no falar da cidade; investigar a relação entre *ingliding* e a construção de estilo dos falantes que possuem falar marcado pelo processo; buscar, através de investigação da sócio-história de Porto Alegre, relações entre grandes mudanças e movimentos sociais da cidade e o emprego de *ingliding* que contextualizem os estilos e significados sociais atualmente associados à variante em questão.

Parte-se da fundamentação teórica (capítulo 2) e dos resultados até então obtidos no estudo do *ingliding* (capítulo 3) para, a partir de análise complementar entre abordagem macrossociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) e perspectiva estilística (ECKERT, 2005), estudar o processo em questão. Os resultados deste trabalho dão força às hipóteses aventadas e lançam bases para a pesquisa a respeito do *ingliding* na medida em que indicam uma direção de estudo mais abrangente do falar de Porto Alegre, que relaciona o uso da variante com *ingliding* e os resultados quantitativos linguísticos e sociais a fatores qualitativos que indiquem, nos estilos, a ideologia por trás dos significados sociais associados ao processo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho baseia-se nos fundamentos da Teoria da Variação desde aspectos das abordagens clássicas até inovações teórico-metodológicas de abordagens mais recentes. Este capítulo subdivide-se em seções voltadas à revisão de fundamentos desta teoria – com foco naqueles aspectos mais relevantes à pesquisa aqui apresentada – e seção dedicada à pesquisa bibliográfica a respeito da comunidade de fala porto-alegrense em aspectos sócio-históricos e fonético-fonológicos.

2.1 Produção linguística sob a perspectiva variacionista: breve panorama

A abordagem sociolinguística da língua ganhou força na década de 1960, tendo como principal nome o do autor William Labov que, ancorado nas ideias de Meillet, defende a visão de língua como fato social dinâmico. A proposta teórico-metodológica de Labov (2008 [1972]) surge em resposta à visão saussureana e chomskiana da língua, não como negação dos seus estudos, mas como proposta de uma ampliação vista como necessária no objeto de estudo linguístico, que devia englobar processos de variação e mudança da língua vinculados a fatores históricos e sociais.

Embora considere a língua como fato social, Saussure (1995 [1916]) postula um recorte no objeto que volta o estudo linguístico para a língua em si mesma e por si mesma. Tal princípio de imanência, pelo qual os fatores internos são capazes de explicar tudo o que acontece na língua, é criticado por Labov, bem como a visão de língua homogênea e as separações dicotômicas entre língua (social) e fala (individual), e sincronia e diacronia da abordagem estruturalista. Para Labov, os fatos evolutivos fazem parte do sistema da língua, que não é estático.

Em seu recorte de estudo, Chomsky (1965) considera um falante-ouvinte ideal de uma comunidade de fala abstrata, homogênea. A abordagem gerativista opera com a separação entre competência e desempenho e foca-se na descrição e compreensão das regras que estão presentes na competência dos falantes, partindo do princípio de que a faculdade da linguagem é inata à espécie humana. Tal vertente de estudos pode recorrer a dados linguísticos que correspondem somente às próprias intuições de linguistas, ou de demais falantes, sobre a linguagem. Para Labov, as teorias devem ser ajustadas a resultados encontrados em dados reais de fala, não apenas a julgamentos intuitivos homogêneos. Da mesma forma, a comunidade de fala é

heterogênea, e não homogênea, visto que a variação, para Labov, é inerente à comunidade de fala, e não mera questão relacionada ao desempenho linguístico.

A abordagem proposta por Labov inclui os componentes sociais na análise linguística, postulando que são eles, também, parte da competência linguística. Em verdade, para o autor, a sociolinguística é a linguística:

Este capítulo tratará do estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. Os tópicos linguísticos a serem considerados aqui cobrem a área normalmente chamada de “linguística geral”, que lida com fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. As questões teóricas a serem levantadas também farão parte da categoria da linguística geral. Estaremos preocupados com as formas das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo. Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de *linguística*.

(LABOV 2008 [1972], p. 216)

O autor não consegue conceber uma visão de língua desvinculada de fatores sociais, e por isso acredita que a linguística deva se ocupar da complexa relação entre língua e sociedade e também da evolução da linguagem vinculada ao contexto social da comunidade de fala, relacionando mudança linguística a mudança social. Se a língua é um fato social, a linguística deve ser, também, uma ciência social que estuda a comunidade social em seu aspecto linguístico. Se o interesse de estudo é a estrutura, a variação e a evolução/mudança linguística, não faz sentido separar sincronia de diacronia e estrutura de funcionamento da língua.

A variação linguística é inerente a qualquer língua: é um princípio universal. É porque os componentes sociais também fazem parte da competência linguística que os falantes são capazes de reconhecer adequação/inadequação de cada produção linguística em relação ao contexto em que ela ocorre, bem como relacionar as variantes linguísticas empregadas a aspectos sociais identitários dos falantes que as empregam.

A heterogeneidade da língua não é, portanto, caótica ou aleatória, e sim sistematicamente ordenada. Tanto a variação quanto a mudança estão sujeitas a pressões internas e externas à língua, chamadas de condicionamentos linguísticos e sociais. A coleta de dados de fala mais espontânea possível e o uso do aparato estatístico no estudo linguístico tornam possível, através das análises de regras variáveis, compreender os padrões de variação das comunidades de fala e prever os caminhos da mudança linguística.

2.2 Percepções e atitudes linguísticas

As percepções dos usuários da língua sobre o uso de determinadas variantes linguísticas correspondem a inferências feitas pelos ouvintes ao serem expostos a essas variantes, que podem ou não ser conscientes. Assim como a produção linguística, a percepção é heterogênea e sensível à comunidade de fala. Isso significa que cada sujeito possui percepções únicas a respeito das variantes linguísticas, mas partilha normas que delimitam tais percepções com os membros dos grupos sociais de que faz parte. O conceito de *percepção* vincula-se ao de *atitudes* na medida em que os falantes de uma língua não só percebem a produção linguística de maneiras distintas como reagem a tais produções de maneiras distintas.

Ao conceituar atitudes na sociolinguística, Kaufmann (2011) retoma os conceitos da sociopsicologia de Quasthoff (1987), Ayzén (1988) e Lasagabaster (2004). A retomada de tais autores possibilita a compreensão de atitudes como estado de prontidão – predisposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente ao objeto da atitude – sensível aos grupos e às normas sociais. De um lado, as pessoas tendem a adequar suas atitudes às atitudes predominantes dos grupos sociais de que fazem parte; de outro, as normas sociais também podem se constituir como fossilização das atitudes da maioria dos membros dos grupos sociais.

Falar de *avaliação* em sociolinguística pode, ou não, ser o mesmo que falar de *atitudes*. Para Deprez e Persoons (1987), as atitudes possuem (i) um componente cognitivo (crenças e estereótipos), (ii) um componente avaliativo (valores afetivos – positivo ou negativo – associados às crenças) e (iii) um componente conativo (intenções comportamentais determinadas pelos outros dois componentes, conduta). Para Ayzén e Fishbein, no entanto, atitude é exatamente o mesmo que avaliação – (ii) –, enquanto os componentes (i) e (iii) são, respectivamente, crenças e intenções (AYZEN, 1988).

Medir atitudes, nesse sentido, torna possível a previsão de padrões gerais de comportamento. Mas nem sempre as atitudes individuais expressas dos sujeitos correspondem a seu comportamento real, que pode estar sujeito a normas sociais. Isso significa que existem não só atitudes explícitas, aquelas descritas pelos sujeitos quando abertamente perguntados sobre o objeto da atitude, como atitudes implícitas, encobertas por tabus e pressões sociais. A esse respeito, Conner *et al.* afirmam:

Em relação às previsões comportamentais, assume-se que as atitudes implícitas influenciam respostas descritas como automáticas, espontâneas, implícitas, ou não

controladas; enquanto assume-se que as atitudes explícitas influenciam as respostas descritas como não automáticas, deliberadas, explícitas ou controladas.¹
(CONNER, *et al.* 2007, p.1728)

Considerando que as atitudes implícitas são relevantes para os estudos de produção linguística, Lambert *et al.*, (1960) desenvolveram a *técnica dos falsos pares*² que, ao provocar respostas automáticas, espontâneas e não controladas, tem como objetivo suscitar reações avaliativas subjetivas à linguagem, ou seja, atitudes em relação aos falares que não aparecem de maneira sistemática quando as pessoas são simplesmente questionadas sobre o objeto da atitude. Para a aplicação da técnica, os informantes selecionados são submetidos a estímulos acústicos chamados de “falsos pares”: um mesmo falante grava dois ou mais estímulos acústicos, diferenciando-os apenas pelo uso do objeto da atitude a ser considerado (nesse caso, pode ser uma variante de uma variável linguística, ou uma variedade de uma língua). Os informantes (juízes), que acreditam que estão ouvindo falantes distintos, respondem a um questionário. Como trata-se, de fato, de um único falante, as diferentes avaliações refletem, de maneira indireta, as atitudes dos informantes em relação às diferentes variedades ou línguas, embora os informantes acreditem estar avaliando as pessoas, e não seus falares.

Outra técnica de medição de atitudes é a *técnica de mapas desenhados*³, de Preston (1989), usada em estudos de Dialetoлогия Perceptual. Associa-se a percepção de variedades de fala a espaços geográficos por meio de técnica em que os informantes devem representar, em mapas, suas percepções sobre diferentes falares. Esses mapas, como aponta o autor, tendem a revelar correspondência entre a estratificação social dos informantes e sua visão sobre o lugar em que habitam, representando, portanto, suas atitudes frente à cidade e, também de maneira mais indireta, frente às variantes ou variedades. Parte-se do princípio de que os informantes levam em conta pistas geográficas, culturais, políticas e linguísticas nos desenhos que fazem nos mapas.

2.2.1 Indicadores, marcadores e estereótipos vs. índices de primeira e segunda ordem

Labov (2008 [1972]) classifica as formas envolvidas na variação e mudança linguística como *indicadores, marcadores e estereótipos* de acordo com a avaliação social que recebem. O autor reconhece a existência de distintos julgamentos sociais (conscientes e inconscientes)

¹ Tradução de Kaufmann (2011).

² Tradução possível para *Matched-guise technique*.

³ Tradução possível para *Hand-drawn maps technique*.

sobre as formas variáveis, que têm como base o nível de consciência dos falantes sobre determinada variável em sua relação com esses julgamentos.

Para o autor, os *indicadores* não estão sujeitos a variação em relação a formalidade de fala e têm pouca força avaliativa, constituindo-se como traços linguísticos encaixados numa matriz social. Sendo assim, tais traços são socialmente estratificados e possuem julgamentos inconscientes. Conforme Coelho *et al.* (2010), um exemplo de *indicador* no português brasileiro é a monotongação dos ditongos [ej] e [ow] (*peixe~pexe, feijão~fejão, couve~cove, couro~coro*), isenta de valor social e de diferenciação quanto à formalidade de fala.

Marcadores, por sua vez, exibem tanto estratificação em relação a formalidade de fala quanto estratificação social. O uso de *marcadores* se dá, muitas vezes, de maneira inconsciente, e seu julgamento social, apesar de inconsciente, produz respostas regulares em testes de percepção e avaliação subjetiva. Os usuários de *marcadores* não apresentam discurso metalinguístico sobre as variantes que as associe explicitamente a grupos sociais ou a uma avaliação positiva ou negativa. Coelho *et al.* (2010) trazem, como exemplo de *marcadores* no português brasileiro, os pronomes *tu* e *você* que, em certas regiões brasileiras, apresentam variação social (condicionada, por exemplo, pela faixa etária dos falantes) e de formalidade de fala (condicionada por variáveis como grau de intimidade) além de, em geral, não serem estigmatizadas.

Esteréotipos são “formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p.360), o que faz com que sejam alvo de comentário social explícito e consciente – diferentemente dos *marcadores* –, que relacione as formas linguísticas a avaliações sociais. Os *esteréotipos* podem ser socialmente estigmatizados ou ter prestígio variável de grupo para grupo. Dentre os exemplos de *esteréotipo* trazidos por Coelho *et al.* (2010), está o uso do fonema /e/ átono pronunciado como [e] – e não como [i] – em formas como “leit[e] quente[e]”, que pode ser encontrado em regiões do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e que recebe avaliação social consciente e explícita.

Vale ressaltar que o que é um *esteréotipo* de uma comunidade ou grupo de falantes pode não ser para aqueles que fazem parte dessa comunidade ou grupo de falantes. É o caso, por exemplo, da variável /eN/ na cidade de São Paulo. De acordo com Oushiro e Mendes (2014), a forma ditongada [ẽ̃], como em “você tá endend[ẽ̃]do o que eu tô diz[ẽ̃]do?”,

funciona como traço linguístico para identificação de paulistanos, mas os próprios nativos da cidade, por sua vez, ainda que nela reconheçam uma “prosódia paulistana”, em geral não se identificam como usuários da variante, não apresentam um discurso metalinguístico que explicitamente associe grupos sociais à variante ditongada, ou ainda uma avaliação positiva ou negativa sobre as variantes dessa variável.
(OUSHIRO e MENDES, 2014, p.20)

Oushiro e Mendes (2014) explicam, então, que a forma em questão é um *estereótipo* para não-paulistanos e um *marcador* para paulistanos, pois ambas apresentam variação de formalidade de fala (o que as diferencia dos *indicadores*), mas [ẽĩ] está disponível para comentários metadiscursivos somente para não-paulistanos: paulistanos, em geral, não os fazem.

Silverstein (2003) classifica as formas linguísticas de maneira diferente, a partir da lógica de ordem indexical, em dois tipos de índices: os *índices de primeira ordem* e os *índices de segunda ordem*. O *índice de primeira ordem* se assemelha ao *indicador* laboviano e refere-se a variantes geográficas ou diastráticas que indexam participação em uma comunidade. Tal índice torna-se um *índice de segunda ordem* – semelhante aos conceitos labovianos de *marcador* e *estereótipo* – quando o resultado da avaliação social dos falantes que empregam determinadas formas passa a se associar ao índice e às próprias formas, internalizando-se nos dialetos dos falantes de maneira a estar disponível para indexação de outros elementos específicos. Assim, Silverstein (2003) opera com a noção de índice associado às formas linguísticas e propõe que aqueles ditos de *segunda ordem* contam não apenas com indexação associada a categorias macrossociais – local de residência, classe social –, mas também com indexação de avaliação social e ideologia dos falantes sobre as formas em questão.

Os índices de Silverstein (2003) diferem dos conceitos de Labov (2008 [1972]) porque admitem reinterpretação (indexação de novos significados/julgamentos sociais) conforme o uso em diferentes práticas sociais. Como os usuários da língua sempre podem adicionar ou modificar elementos dos índices a cada novo uso da língua, os próprios índices estariam em processo de constante reconstrução. O conceito de índice de Silverstein (2003) é tomado como base na concepção de campo indexical de Eckert (2008), – a ser explorada na seção 2.3.3 – que o vê como algo fluido e dinâmico.

2.3 As três ondas da sociolinguística: da macrossociolinguística à perspectiva estilística

Eckert (2005) classifica os estudos variacionistas em três “ondas” (vertentes ou abordagens) distintas, nas quais tanto o foco de pesquisa quanto o conceito de *estilo* variam. O

intuito da autora não é, como se verá nas seções seguintes, o de escolher uma vertente de estudos frente às outras, mas sim de destacar as características teórico-metodológicas que compõem cada uma de modo a proporcionar uma visão integrada e abrangente dos estudos sociolinguísticos.

2.3.1 Primeira onda

A primeira onda é composta dos estudos sociolinguísticos quantitativos que examinam a relação entre variabilidade linguística e restrições sociais e linguísticas. Os estudos sociolinguísticos são, em sua maioria, de primeira onda, pois têm como foco a busca por padrões na fala não consciente e pela fonte da mudança linguística. Nessa perspectiva, estudam-se comunidades geograficamente definidas e faz-se um mapa do espaço social através de categorias macrossociais, como hierarquia socioeconômica e categorias sociais primárias. *Estilo* é, na primeira onda, conceituado como *atenção prestada à fala* (monitoramento) e controlado de acordo com prestígio/estigma.

O *locus* dos estudos de primeira onda é a *comunidade de fala*, considerado como o espaço em que se dá a complexa interação entre língua e sociedade, e não o indivíduo. Para Labov, “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p.188). Essa definição evidencia que os membros de uma comunidade de fala não partilham necessariamente dos mesmos usos linguísticos, mas de atitudes semelhantes a respeito da produção linguística.

O estudo de Labov a respeito do /r/ em final de sílaba no inglês falado em Nova Iorque (LABOV, 2008 [1966]) é considerado aquele que inaugurou a primeira onda de estudos de variação. O estudo, baseado em questionários de larga escala, culmina em correlação entre variação linguística e grupos de fatores sociais, como classe econômica e monitoramento linguístico: a forma não-vernacular (realização de /r/ em palavras como *floor* – ‘andar (de um edifício)’) possui *status* mais alto e é mais utilizada na fala cuidada/formal. A replicabilidade e o alcance de estudos de primeira onda são sua vantagem, ao passo que as exceções aos padrões investigados motivam o surgimento das vertentes seguintes.

2.3.2 Segunda onda

A segunda onda caracteriza-se por estudos etnográficos de comunidades menores, também definidas geograficamente. As categorias sociais locais são identificadas como meio de ligação com as categorias demográficas, e as formas de falar são vistas como carregadas de significado local, o que significa que as variáveis são compreendidas como categorias de indexação localmente definidas. Na segunda onda, *estilo* está associado ao fator de *afiliação* às categorias localmente definidas.

O estudo de Labov sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, em formas como *white* ('branco') e *house* ('casa') (LABOV, 2008 [1963]), embora cronologicamente anterior ao de Nova Iorque, é considerado como pertencente aos estudos de segunda onda, visto que a população e as categorias sociais utilizadas são fruto de pesquisa etnográfica realizada na ilha. A avaliação social das formas centralizadas ou não centralizadas só pode ser definida localmente, e o emprego da variante centralizada é recurso para negociação de identidade social, relacionada à afiliação com a ilha (ser vineyardense), em oposição a ser do continente.

O estudo etnográfico de Milroy (1980) em Belfast, na Irlanda, também é um exemplo de estudo de segunda onda. A autora postula que a interação com as mesmas pessoas em uma variedade de contextos – trabalho, vizinhança, atividades de lazer, família, etc. – teria influência sobre o uso de formas vernaculares. O estudo leva em conta a *rede social* dos falantes. Conforme a autora, rede social é uma rede de relacionamentos de indivíduos que se estabelece na vida cotidiana. As ligações das redes podem ser de diferentes tipos. Quanto maior o número de pessoas que se conhecem umas às outras na rede, mais alta é a densidade de comunicação e mais forte a pressão para conformação às normas (linguísticas e não linguísticas) do grupo. Quando os indivíduos se relacionam em diversas situações sociais – vizinhos e, também, colegas de trabalho, por exemplo –, constituem redes *multiplexas* (estas são *uniplexas* quando os indivíduos se relacionam de uma única maneira).

As redes associam-se também aos conceitos de *localismo* (sentimento de “pertença”) e *mobilidade* (grau de deslocamento). O estudo de redes possibilita, nesse sentido, verificar a afiliação dos sujeitos ao uso das formas vernaculares ou sua resistência a elas, a depender do lugar em que as redes sociais se encaixam na economia política da comunidade.

2.3.3 Terceira onda

A terceira onda tem como foco de estudo o significado social das variáveis. Nessa perspectiva, *estilo* é compreendido como associado diretamente às *categorias identitárias*, como *construção de persona* (tipo social particular que se localiza de forma explícita na ordem social). Faz-se, na terceira onda, estudo etnográfico de *comunidades de prática* que, para Eckert (2005), são agregados de pessoas que se reúnem de forma regular e se engajam em algum empreendimento comum, como um time esportivo, um grupo de estudos, uma sala de aula, até mesmo uma família. Esse engajamento faz com que os membros da comunidade de prática – que podem ser centrais ou periféricos – construam uma orientação compartilhada para o mundo a seu redor.

Na terceira onda, os estudos consideram que o significado social da variação está em seu papel na construção de estilos através de um processo de *bricolagem*, em que há sempre uma nova combinação de elementos linguísticos (como emprego de determinadas variantes) e não linguísticos (como roupas, acessórios, comportamentos, atividades) para construção de novos significados e modificação dos significados antigos. A localização das variáveis nos estilos é, portanto, parte integral da construção de significado social.

No estudo a respeito da emergência de categorias sociais locais de uma escola pública de Ensino Médio – Jocks e Burnouts –, Eckert (2002) afirma ter embarcado em uma etnografia e descoberto que tais categorias se baseiam em estilo. O estilo – que engloba vestuário, comportamento, escolha de atividades e também escolhas linguísticas – é, segundo a autora, central para a construção de categorias e significados sociais.

Eckert (2008) baseia-se em Silverstein (2003) para propor o conceito de *campo indexical*: constelação de significados potenciais ideologicamente relacionados. Para a autora, o estudo da variação deve se basear em um estudo da prática estilística, considerando que as variáveis indexam categorias demográficas indiretamente (e não diretamente) por meio de sua associação a qualidades e instâncias que fazem parte da construção dessas categorias. Nesse sentido, o favorecimento do uso de uma variante por determinada categoria macrossocial não deve ser compreendido de maneira fixa como mero reflexo na variação linguística, mas também como recurso para construção do significado social. É preciso voltar-se para o que está por trás das generalizações, ou seja, para a construção e manutenção de identidades e estilos em comunidades de prática.

De acordo com LaBelle (2011), identidade é comumente entendida como a concepção do *eu* no mundo – sólida e relativamente estável –, mas os usos da linguagem mostram que os

sujeitos são constituídos não de uma, mas de múltiplas identidades. Isso porque, em termos sociais, conforme Wenger (1998), identidade consiste na negociação de significados atrelados à pertença a comunidades sociais, o que não se configura como uma negação da individualidade, mas como concepção de individualidade atrelada às práticas sociais.

Os *campos indexicais* seriam possíveis associações de significados potenciais (não fixos) à variável linguística estudada. Por serem relativos, os significados que cada indivíduo atribuirá ao traço linguístico dependerá da perspectiva do ouvinte e do estilo ao qual ele está incorporado, que por sua vez relaciona-se com as comunidades de prática em que os sujeitos estão inseridos. Nesse aspecto, Bourdieu (2008) utiliza-se de metáfora econômica para abordar os significados sociais das trocas linguísticas, afirmando que uma troca linguística é também uma troca econômica. Os signos linguísticos, portanto, podem ser signos de riqueza (a serem avaliados, apreciados) e signos de autoridade (a serem acreditados e obedecidos). O valor das formas linguísticas está em relação com os grupos sociais, e quanto mais um falante dispõe de *capital linguístico* (simbólico), mais livre ele é para jogar no mercado.

Os significados sociais atrelados às formas estão sujeitos a constante reinterpretação, e os movimentos estilísticos são sempre ligados a questões ideológicas salientes, à maneira como os usuários da língua posicionam-se no mundo. Eckert (2008) afirma que um estudo de terceira onda da centralização em Martha's Vineyard, por exemplo, consideraria que os pescadores da ilha, ao utilizarem a variante centralizada de /ay/ e /aw/, não estão apenas afirmando serem vineyardenses, mas fazendo uma reivindicação sobre o que um vineyardense é.

Mas os estudos de larga escala não deixam de ser importantes. Wenger (1998) afirma que as identidades não se limitam a uma questão interna de uma prática em que estamos inseridos, mas são relativas à nossa posição e à posição de nossas comunidades em estruturas sociais mais amplas. A esse respeito, Eckert (2009) explica:

Sem os estudos de larga escala, nós perdemos a estrutura maior, e sem os estudos de categorias locais nós perdemos a conexão entre o local e o macrosociológico. A terceira vertente nos move para longe do macrosociológico à medida que olha para a negociação de identidades das pessoas, momento a momento, como uma dinâmica pessoal e individual. Ao mesmo tempo, entretanto, está intricadamente ligada à ordem social mais ampla, à medida que nossos prazeres e nossos desgostos são modelados por sermos ricos ou pobres, homens ou mulheres, brancos ou afro-americanos, novos ou velhos. Eu estou propondo, em outras palavras, não uma mudança, mas uma expansão de como estudamos a variação. Seja qual for o potencial que os estudos de variação possam ter para o nosso entendimento do sistema linguístico formal, ele também constitui, em si mesmo, um poderoso sistema semiótico.

(ECKERT, 2009, p.27)⁴

⁴ Tradução de Mangabeira (2012).

A prática estilística, que é definida como negociação, interpretação e produção de estilos, está intrinsecamente ligada à ordem social mais ampla. A autora propõe, portanto, uma análise abrangente e complementar das ondas da sociolinguística, de maneira a explorar a complexa relação entre usos linguísticos e estilos individuais e de grupos.

2.4 A comunidade de fala de Porto Alegre

Esta seção é destinada a uma breve descrição de Porto Alegre e dos processos fonético-fonológicos que compõem o imaginário social como características que diferenciam a capital das cidades do interior do Rio Grande do Sul. As subdivisões da cidade e o movimento jovem ocorrido nos anos 1980 ganham destaque por estarem correlacionados aos métodos de análise e aos resultados deste estudo.

2.4.1 Porto Alegre e suas subdivisões

A data oficial da fundação de Porto Alegre, de acordo com o Centro de Pesquisa Histórica de Porto Alegre⁵, é 26 de março de 1772, data da criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais (homenagem aos casais de açorianos que ali se instalaram), posteriormente chamada de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. A criação dessa freguesia com jurisdição própria separava-a da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, e foi possivelmente motivada pela importância estratégica do Guaíba, que tornava imprescindível a mudança de administração do continente. De freguesia, transformou-se em vila e, em 1822, finalmente, se tornou cidade: Porto Alegre.

De acordo com a última estimativa de população residente nos municípios, a população de Porto Alegre é de cerca de 1.476.867 habitantes⁶. A cidade conta com 496,682 km²⁷ de área e 81 bairros oficiais. Na economia, o principal setor de Porto Alegre é a indústria. O Índice de

⁵ Esta seção conta com informações históricas divulgadas em sites oficiais de Porto Alegre, tais como http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_de_porto_alegre.pdf (Acesso em 07/06/2016).

⁶ IBGE: Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 01/07/2015. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_2015_TCU_20160211.pdf (Acesso em 07/06/2016).

⁷ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490> (Acesso em 07/06/2016).

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade é de 0,805⁸, o 7º melhor índice dentre as capitais brasileiras.

O Guaíba sempre exerceu papel importante em Porto Alegre, desde o início de sua ocupação. A permanência em suas margens configurava-se como garantia de sobrevivência através da pesca e construção de barcos, além de ampliar os horizontes da população pelo contato com outros núcleos populacionais e acesso a vias fluviais. É provavelmente por esse motivo que tanto o povoamento quanto a planificação urbana e demarcação de Porto Alegre se iniciaram às margens do Guaíba.

O Centro da cidade também se localiza às margens do Guaíba, e não propriamente em região geograficamente central na cidade de Porto Alegre, como mostra o mapa da Figura 1 ao ilustrar as regiões de Orçamento Participativo (OP)⁹:

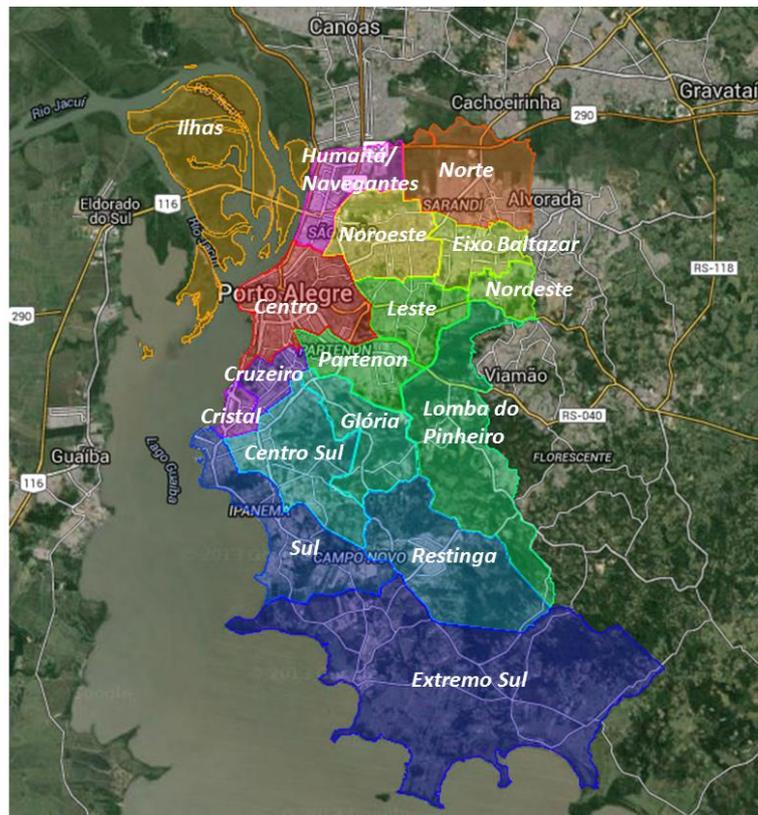


Figura 1 – Mapa de Porto Alegre por regiões de OP¹⁰

⁸ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=431490&idtema=118> (Acesso em 07/06/2016).

⁹ As regiões de OP têm a finalidade de definir o destino de investimentos públicos através de participação popular em pequenas assembleias constituídas de moradores dos bairros que constituem cada região.

¹⁰ Dados obtidos do ObservaPOA: Mapa de Regiões do Orçamento Participativo (<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1KELz1gAEZuecNuTzzQ7MsqzGRnQ>) acrescido de legenda (http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observapoa_2011/usu_doc/regioes_op.pdf). Acesso em 07/06/2016.

Muito embora existam 17 regiões de OP, estas não costumam ser referidas pelos porto-alegrenses para fins de localização espacial na cidade. Geralmente, compreende-se a cidade como dividida em 4 zonas: *central*¹¹, *leste*, *norte* e *sul*. Essa divisão, mesmo que não conste em mapa oficial da cidade, é comumente referida pelos moradores de Porto Alegre e utilizada também em anúncios de comércio, imóveis, etc. O mapa que parece ser utilizado para localização dos porto-alegrenses nessas quatro zonas é o mapa de transportes da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) para a circulação dos ônibus de Porto Alegre. A EPTC divide as linhas de ônibus de acordo com as quatro zonas, e cada uma das linhas possui, inclusive, uma cor que a identifica. Os ônibus cuja rota passa por mais de uma zona recebem, em sua maioria, nomenclatura especial: são os Transversais (identificados com a letra T), também pertencentes à empresa destinada às linhas circulares da zona central da cidade.

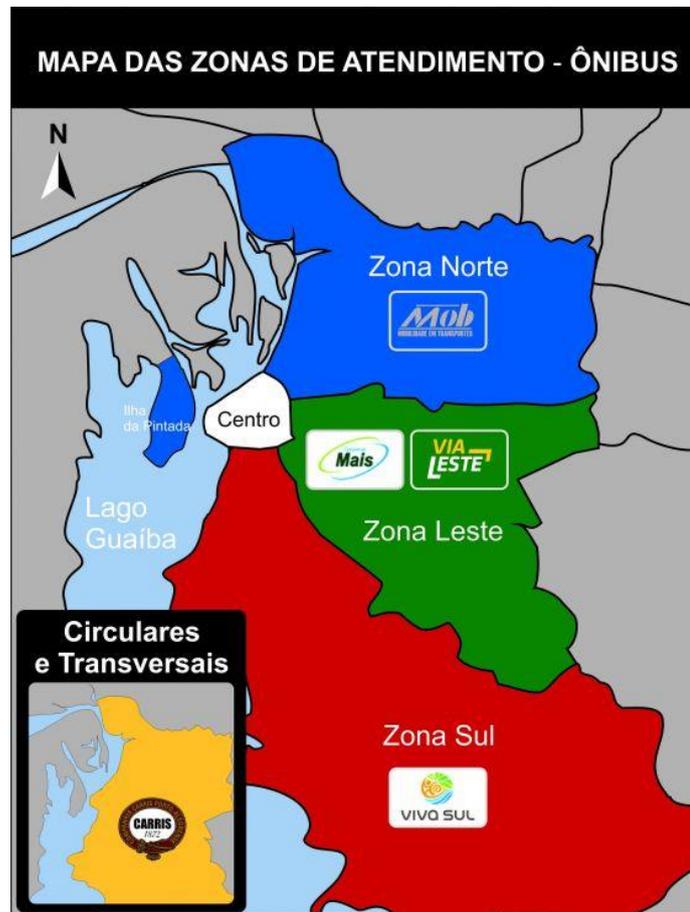


Figura 2 – Mapa das zonas de atendimento dos ônibus de Porto Alegre¹²

¹¹ Essa zona é comumente referida simplesmente como “centro”. A opção pela nomenclatura *zona central* tem a função distinguir a *zona central* do *bairro* Centro.

¹² Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cs/usu_img/regioes_atendimento_cores.jpg (Acesso em 07/06/2016).

A identidade visual, que pode contribuir para a divisão imaginária dos moradores da cidade em quatro zonas, foi recentemente atualizada¹³. A Figura 2 apresenta as cores atuais dos ônibus de cada uma das zonas. Um possível motivo para que a divisão em quatro zonas figure no imaginário dos porto-alegrenses é, além de sua conformidade com a circulação dos ônibus, sua simplificação em relação ao mapa das regiões de OP. Percebe-se ampliação de todas as zonas para regiões de maior abrangência, exceto a zona central, atendida principalmente pela empresa *Carris*, que tem tamanho reduzido em comparação à região Centro no mapa das regiões de OP – mas ainda engloba outros bairros além do bairro Centro Histórico, como os bairros Bom Fim, Farroupilha e Cidade Baixa, e também parte de outros bairros – e possui a Avenida Ipiranga como um de seus limites.

É a zona central de Porto Alegre que compõe os cartões postais e as principais mídias da cidade. Em análise sobre mapas imaginários de Porto Alegre, uma equipe de professores e alunos da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS afirmou que:

No caso específico dos postais certos locais da cidade são destacados como atrativos identitários a serem registrados e lembrados por quem os visitou ou para serem conhecidos, e na publicidade, ao contrário, como os cenários tradicionais da cidade que reforçam certos estereótipos sobre ela. O cinema mostra particularmente a região central, nas proximidades do Mercado Público, da Praça XV, da Catedral Metropolitana e da Rua da Praia. Os muitos bairros da cidade são parcamente visualizados nos filmes; fora o centro, o único que é claramente identificado por suas imagens é o Bom Fim, que abriga importantes espaços culturais da cidade, como o Brique da Redenção e o próprio parque da Redenção.

(JACKS e MORIGI, 2010, p.36)

Percebe-se que, além do Centro, o único bairro que aparece de maneira representativa no cinema porto-alegrense é o Bom Fim, bairro esse pertencente à zona central. Esse fato pode contribuir para que a visão que as pessoas de fora de Porto Alegre tenham da cidade seja baseada quase exclusivamente nas pessoas e lugares pertencentes à zona central da cidade.

2.4.2 O movimento jovem dos anos 1980

O bairro Bom Fim foi palco de um movimento social que ocorreu na década de 1980 em Porto Alegre em sintonia com demais localidades do Brasil. O período, considerado de

¹³ Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/eptc/default.php?p_noticia=184656 (Acesso em 07/06/2016).

efervescência cultural pós ditadura militar, é descrito na contracapa do filme-documentário *Filme Sobre um Bom Fim*¹⁴:

Filme Sobre um Bom Fim retrata o movimento jovem ocorrido em Porto Alegre nos anos 1980. Em sintonia com a efervescência cultural de outras capitais brasileiras como Brasília, Salvador, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, no bairro Bom Fim surgiu o rock gaúcho, o cinema urbano e as experimentações na televisão e nas artes dramáticas. Este movimento fez do bairro o epicentro de uma transformação de comportamento que ajudou a influenciar as gerações seguintes de todo o país. O mundo era um antes dos anos 80, depois tudo mudou.

(MIGOTTO, 2015, contracapa do DVD)

A efervescência cultural do momento explica-se por diversos fatores, como a associação ao período de final da ditadura militar, ocorrida de 1964 a 1985. Em resposta às práticas da ditadura, o movimento jovem teve como característica a reivindicação da liberdade em um período de repressão. Sendo assim, a época contava com movimentos de contracultura e passava por transformações de comportamento.

Juremir Machado, em seu relato, explica: “Era uma época em que a gente queria chutar o balde, entrar em conflito, chocar as pessoas, enfrentar. Era uma época de enfrentamento”. Marta Biavaschi relata algumas das práticas que constituíam essa época de enfrentamento e libertação: “Pegar carona, ir pra praia, tomar chá de cogumelo, beber, fumar maconha, pegar a chave na imobiliária e transar com a namorada pra ter um lugar pra transar. Questionamento de movimento estudantil, participação em passeatas...”. A listagem de práticas demonstra que o movimento inclui transgressão e luta por liberdade de expressão, o que motiva inovações nas manifestações artísticas e engloba movimentos de militância política associados a partidos de esquerda.

Porto Alegre passou, como afirma Lucio Fernandes Pedroso em seu relato, por um crescimento populacional de cerca de 30% de 1970 até 1982, ano em que a cidade já possuía mais de um milhão e cem habitantes. Esse crescimento populacional gerou efeitos no período de movimento cultural e transformação de que trata o músico Wander Wildner ao afirmar que “o mundo é um até o final dos anos setenta, ali começa a mudar a história”.

E não é por acaso que o movimento teve como palco o bairro Bom Fim: além de sua proximidade com pontos culturais da área central, como casas de shows, bares e cinemas, o bairro é bastante próximo ao campus central da UFRGS, destino de muitos jovens do interior que acabavam, também por comodidade, se instalando no Bom Fim. Em suma, o movimento

¹⁴ O *Filme Sobre um Bom Fim*, por conter relatos de diversos moradores e frequentadores do Bom Fim que presenciaram as diferentes etapas do movimento jovem em questão, é aqui utilizado como fonte de pesquisa. Alguns dos relatos são transcritos e incluídos no presente trabalho.

consistia na concentração de jovens que buscavam por liberdade em suas diferentes formas de expressão e manifestação artística: músicos, atores, escritores, artistas plásticos, estudantes, militantes políticos, enfim, pessoas de diversos estilos, reuniam-se em ruas do bairro – como a Avenida Osvaldo Aranha, descrita no filme-documentário como um dos maiores pontos culturais do mundo.

Como afirma Ana Luiza Azevedo, o movimento foi resultado de uma época:

Acho que *tava* acontecendo aqui como *tava* acontecendo em Brasília, como *tava* acontecendo no Rio, São Paulo. Acho que uma influenciava a outra. Mas era o resultado de uma época, de um final de ditadura, de um acesso a algumas coisas de fora que a gente não tinha antes.

(AZEVEDO In: MIGOTTO, 2015)

Dentre os exemplos da interinfluência entre os movimentos que aconteciam, em sintonia, nas capitais brasileiras, está a inspiração que o grupo de teatro “Asdrúbal Trouxe o Trombone”, do Rio de Janeiro, exerceu sobre o “Vende-se Sonhos”, grupo porto-alegrense de teatro criado nessa época de efervescência de cinema e teatro:

E de repente veio o Asdrúbal: uma garotada cabeluda do Rio de Janeiro falando de surfe, de baseado, as gatinhas em Ipanema, não sei o quê. Falando de teatro com leveza, com alegria, com propriedade, e era a juventude falando dela mesma.

(BREDA In: MIGOTTO, 2015)

O relato acima, do ator Marcos Breda, evidencia o momento como de inovação cultural nas artes cênicas, fruto de experimentação e influência que os grupos exerciam uns nos outros. Nesse caso em específico, percebe-se a influência da cidade do Rio de Janeiro sobre Porto Alegre.

A época dos anos 1980 também é a época do auge do *rock* gaúcho que, segundo os relatos dos frequentadores do bairro, foi e ainda é referência para o *rock* nacional. Nesse sentido, a rádio Ipanema FM, juntamente com o bar Ocidente, ganham destaque por promoverem a cultura local da cidade. A rádio, que gozava de prestígio na cidade, dava espaço aos músicos porto-alegrenses, bem como o bar Ocidente, que abria suas portas aos músicos locais, o que fazia com que não só o bar, mas a rua fosse tomada de pessoas que iam assistir aos shows. O bar teria surgido como espaço de diversidade sexual em uma época de repressão e preconceito, tendo sido considerado um bar *gay* que reunia interessados pelos shows de *rock*, culminando em um espaço frequentado por pessoas de diferentes orientações sexuais e preferências.

O fim dessa época de efervescência é relatado com certa tristeza pelos frequentadores do bairro que viveram tal movimento. De acordo com eles, foi uma soma de fatores que, no início

dos anos 1990, levou ao esvaziamento cultural do bairro e dissipação de seus frequentadores, tais como negociação política para fechamento dos bares, aumento do controle e policiamento em virtude de reclamação por parte dos moradores a respeito de barulho e depredação das ruas, interesse imobiliário na área apoiado pela mídia, dentre outros. Atualmente, o bairro Bom Fim consta no imaginário social como um bairro elitizado, frequentado por pessoas de classes média e alta, e a concentração de jovens na vida noturna é, hoje, mais associada a outro bairro, o Cidade Baixa.

Inspirado no perfil do jovem do movimento cultural dos anos 1980, o humorista André Damasceno criou o personagem Magro do Bonfa¹⁵, que foi ao ar pela primeira vez na Escolinha do Professor Raimundo, da Rede Globo, em 1993¹⁶. O termo “Bonfa”, como explica o personagem do professor Raimundo, refere-se a Bom Fim, e “magro” ou “magrão” pode ser definido como *descolado*¹⁷. Tem-se nele o resultado de um estilo da época transformado em estereótipo, com o que se criou um personagem nacionalmente conhecido.

O humorista André Damasceno, que também trabalhou como professor de matemática, afirma, em show conjunto com o Guri de Uruguaiana¹⁸, ter-se inspirado em um aluno de 22 anos, morador do bairro Bom Fim, para a criação do personagem. O personagem Magro do Bonfa possui um falar exageradamente cantado que faria referência ao jeito típico de falar do porto-alegrense.

O aluno de pré-vestibular que inspirou a criação do personagem teria, conforme interpretação do humorista, se desviado de maneira cômica de perguntas feitas em aula enquanto afirmava não ter compreendido a explicação do professor e também nunca ter trabalhado na vida. Isso mostra que, dentre os elementos utilizados para compor o personagem, está a ideia de certa malandragem desse jovem típico, que estaria mais voltado a um estilo de vida descolado, alinhado à vida cultural e ao lazer, e não focado no trabalho e nos estudos formais.

¹⁵ Também conhecido como *Gaúcho* do Bonfa.

¹⁶ O vídeo da estreia do personagem Magro do Bonfa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7gfNXydL5qs> (Acesso em 07/06/2016).

¹⁷ Definição obtida no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS e VILLAR, 2009, p.635): pessoa “que revela desembaraço e iniciativa; [...] esperto, safo”.

¹⁸ O personagem Guri de Uruguaiana é interpretado pelo humorista Jair Kobe. O show com André Damasceno está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDcgUHZEamA> (Acesso em 07/06/2016).

2.4.3 Variação fonético-fonológica: o contraste capital-interior

A ocupação do Rio Grande do Sul pôs populações e línguas em contato, o que faz com que o português falado no estado apresente marcas desse contato (MELLO, 2011). Esse e outros fatos históricos são recuperados por Battisti (2014a) na introdução do livro *O Português Falado no Rio Grande do Sul* (BISOL e BATTISTI, 2014), que visa a explorar variáveis encontradas na fala gaúcha.

Em termos históricos, a autora situa o contato entre o português e as línguas de imigração europeias ainda presentes em diversas localidades do Rio Grande do Sul:

Ainda assim, a Capitania [de São Pedro do Rio Grande do Sul] apresentava grandes áreas desabitadas. Por essa razão, e também pela preocupação das autoridades brasileiras com a produção de alimentos, o Rio Grande do Sul foi um dos destinos dos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil no século XIX. As maiores levadas destinadas ao território gaúcho foram de imigrantes alemães, estabelecidos a partir de 1824 no Vale do Rio dos Sinos, e de imigrantes italianos, estabelecidos principalmente na Serra Gaúcha desde 1875. Esses pequenos grupos familiares de agricultores promoveram o contato do português com dialetos alemães e italianos de diversa origem, e a situação de bilinguismo perdura até nossos dias em algumas comunidades.

(BATTISTI, 2014a, p.10)

Do volume acima mencionado, interessam a esse trabalho aqueles que tratam de variáveis fonético-fonológicas que compõem o imaginário dos gaúchos, não fortuitamente, como marcadoras do contraste entre o falar reconhecido como do *interior* (associado aos falares cujos traços linguísticos sofrem influência das línguas de imigração alemã e italiana) e o falar reconhecido como da *capital* (percebido como característico do centro urbano de Porto Alegre). Serão brevemente discutidos, portanto, alguns resultados de variáveis sociais que condicionam as realizações de /r/, a vocalização de /l/, e a palatalização de /t/ e /d/.

As realizações de /r/ possuem, de acordo com Monaretto (2014), os papéis sociolinguísticos de identificar regiões ou culturas e de estabelecer padrões de uso da língua falada, podendo sinalizar prestígio ou estigma a depender da variante utilizada e da ocasião em que ocorre. De acordo com a autora, a realização de R-forte em início de sílaba é uma característica dialetal.

O R-forte anterior (vibrante [r]) em início de sílaba é mais encontrado em regiões de colonização italiana e alemã, seguidas da região de fronteira com o espanhol, e tem menores índices nas regiões metropolitanas. O resultado de Monaretto (2014) é baseado nas cidades de Taquara e Panambi (colonização alemã), Flores da Cunha e Monte Bérico (colonização italiana) e Livramento (região fronteira), coletados em 1977. Em Porto Alegre, o R-forte em início de

sílaba é realizado, em geral, na zona posterior ([x] ou [h]) da boca, e há tendência de desaparecimento da variante vibrante do R-forte.

Em posição final de sílaba, dentre todas as pronúncias, a mais frequente (90% dos casos) é o R-fraco anterior (tepe [r]), podendo haver apagamento, o que acontece principalmente com verbos no infinitivo. Outra característica que contrasta regiões bilíngues com a capital é a troca de R-forte pelo R-fraco. Conforme Monaretto (2014), pessoas de origem italiana podem utilizar o R-fraco (tepe) em contextos de R-forte (vibrante) em início de sílaba, como em *rua* e *carro*. Já descendentes de alemães podem trocar o R-fraco (tepe) pelo R-forte (vibrante) nesses contextos. A troca de R-fraco por R-forte, e vice-versa, não é comum em Porto Alegre.

Em relação à vocalização da lateral pós-vocálica em coda silábica (*so[l]~so[w]*), Collischonn (2014) explica que há enfraquecimento natural da consoante nesse contexto, percebido pelos falantes como próximo de [u], o que motiva uma substituição que começa esporádica e passa a ser sistemática. Em termos fonéticos, a posição da língua na articulação de [l] é semelhante à posição que a língua assume na pronúncia de [w].

Dados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), coletados a partir de 1970 nas capitais mais populosas do país na época – São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre – mostram que a aplicação de vocalização em Porto Alegre é a menor dentre as capitais: 54%, enquanto os índices de Rio de Janeiro mostram 90% de aplicação (CALLOU, LEITE e MORAES, 2002). Em dados do Projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARSUL) de 1990, a aplicação de vocalização em Porto Alegre passa a 91% (QUEDNAU, 2000). Embora possam haver diferenças no desenho da análise, os dados mostram que o índice de vocalização em Porto Alegre teria praticamente dobrado em 20 anos.

Quando se comparam estudos de vocalização em outras cidades do Rio Grande do Sul com os índices de Porto Alegre, percebe-se grande diferença nos resultados. A porcentagem de vocalização das outras cidades não ultrapassa 50%, mas fica, em geral, em torno de 20% e 30%. Collischonn (2014) observa que as cidades que apresentam menores taxas de vocalização são aquelas que possuem maior contato com outras línguas que não possuem vocalização, como o alemão, o italiano e o espanhol. A autora aponta que embora a vocalização ocorra mais entre os mais jovens (o que indicaria uma possível mudança em curso), fatores como o contato com espanhol, alemão e italiano, e o orgulho que os falantes possam ter de sua região e do falar gaúcho, podem estar por trás de uma resistência à mudança.

Battisti (2014b) apresenta resultados de estudos a respeito da palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes da vogal [i] ([t]ia~[tʃ]ia/[d]ia~[dʒ]ia), que pode ocorrer em contextos de vogal alta vizinha /i/ não derivada, em sílabas tônicas ou átonas ([t]ipo~[tʃ]ipo, mé[d]ico~mé[dʒ]ico),

ou em contextos de vogal [i] resultante da alteração de /e/, apenas em sílaba átona (*gen[t]e~gent[tʃ]i*, *tar[d]e~tar[dʒ]i*). Novamente, dentre as capitais estudadas no projeto NURC (ABAURRE e PAGOTTO, 2002), Porto Alegre estava entre as cidades com menores índices de palatalização (40%), com valor mais alto apenas do que Recife (7%), e significativamente menor do que os índices de Rio de Janeiro, cidade em que foi identificada aplicação categórica da regra (100%). O estudo do processo com dados do VARSUL dos anos 1990 (KAMIANECKY, 2002) mostra, mais uma vez, que o índice de palatalização teria dobrado na cidade em 20 anos, chegando a atingir a proporção de 94% de palatalização.

Similarmente aos resultados para o processo de vocalização, a palatalização é favorecida pelos jovens, o que pode apontar para mudança em progresso. Battisti (2014b) afirma que as demais cidades gaúchas estudadas, que possuem baixos e moderados índices de palatalização, poderiam ter aumento desse índice com o passar dos anos. No entanto, assim como observa-se no caso da vocalização, elementos da cultura e da sócio-história dessas comunidades podem frear o avanço da regra. Um exemplo disso é o resultado para o estudo da autora em Antônio Prado, que parece ter índice estável de palatalização em 30%, muito provavelmente devido às práticas sociais da cidade que possui tendências conservadoras, orientadas às tradições da cultura da imigração italiana.

Os resultados dos estudos acima retomados explicam, a partir dos dados, o contraste percebido pelos usuários da língua ao atribuírem certas características como típicas ao falar do interior em contraste com o falar da capital. Em suma, um sujeito que fala *te[r]a*, *so[l]* e *[t]ia* não seria percebido como um morador de Porto Alegre, já que este falaria *te[h]a*, *so[w]* e *[tʃ]ia*.

Existe outra realização que figura no imaginário dos gaúchos como contrastiva do falar da capital em relação aos falares do interior: as realizações variáveis de vogais tônicas percebidas como alongadas e ditongadas. No Brasil, essas realizações são por vezes referidas como típicas do falar carioca, quando se diz, por exemplo, que no Rio de Janeiro¹⁹ atende-se o telefone com um “*Alôah?!*”. No Rio Grande do Sul, essas realizações são percebidas como típicas de Porto Alegre, o que faz com que jovens que vêm do interior para estudar na capital frequentemente sejam imitados por seus amigos e familiares, quando retornam a suas casas, por estarem falando de maneira “cantada” sob influência dos porto-alegrenses. Tal processo variável – a que chamamos de *ingliding* – é foco de estudo deste trabalho e está descrito no capítulo seguinte.

¹⁹ Não foram encontrados estudos a respeito do *ingliding* no falar carioca ou em outros falares brasileiros.

3 O *INGLIDING* CARACTERÍSTICO DO FALAR PORTO-ALEGRENSE: A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO

O presente capítulo é voltado à revisão de pressupostos que subjazem a pesquisa sobre o *ingliding* no falar de Porto Alegre e dos resultados encontrados nas diferentes etapas da pesquisa, que vem sendo desenvolvida desde seu estudo preliminar em 2013. As seções a seguir visam a tornar claro o caminho percorrido na pesquisa até o momento, de maneira a facilitar a contextualização das contribuições da etapa atual.

3.1 *Ingliding* ou ditongação?

O estudo das realizações variáveis de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (*né~néah, agora~agoahra*) teve sua etapa inicial com o estudo de Battisti (2013), que aventou as primeiras hipóteses sobre o processo e o diferenciou dos ditongos *falsos* de Bisol (1989, 1994, 2012). A hipótese de Bisol é de que existem, em termos fonológicos, dois tipos de ditongos decrescentes no português brasileiro: os ditongos decrescentes verdadeiros (não-derivados) e os ditongos decrescentes falsos (derivados). Os ditongos verdadeiros possuem duas vogais subjacentes – uma das quais se torna semivogal por silabação (*leite, grau, boina*) –, enquanto os ditongos falsos possuem uma só vogal na subjacência – a semivogal é derivada de regra assimilatória em razão do segmento seguinte (/S, ʃ, ʒ, r/) –, razão pela qual estão sujeitos a redução variável (*peixe~pexe, caixa~caxa, feira~fera, ouro~oro, homem~home*).

Battisti (2013) constata que não se verificam condicionamentos segmentais específicos para o surgimento da ditongação percebida no falar porto-alegrense, como acontece com os ditongos falsos, e isso leva a autora a afirmar que “É *ingliding* o processo gerador das realizações vocálicas peculiares ao falar de Porto Alegre, e não a ditongação assimilatória caracterizada por Bisol” (BATTISTI, 2013, p.60).

De acordo com Labov, Ash e Boberg (2006), em inglês, *ingliding* é o nome dado a um tipo de realização vocálica diferente da ditongação: enquanto a ditongação cria *glides* altos, no *ingliding* há distanciamento dos pontos periféricos (anterior e posterior) do espaço vocálico. Para Clements e Hertz (1996), o *ingliding* é uma realização ditongada que, acusticamente, é composta de dois estágios estacionários que resultam da centralização. Não determinado coarticulatoriamente, o *ingliding* resulta numa estrutura de contorno que é intrínseca ao fone vocálico. Para Donegan (1978), o *glide* dos ditongos decrescentes resultantes de *ingliding* cria-se em função da perda de tensão e abaixamento da vogal ao final da produção vocálica.

Em suma, a diferenciação entre *ingliding* e ditongação faz-se relevante na medida em que o *ingliding* não parece ser resultado de coarticulação. O *ingliding* nada mais é, portanto, do que a transformação de uma vogal simples em um ditongo com *glide* central. A Figura 3 representa a centralização característica do *ingliding*.

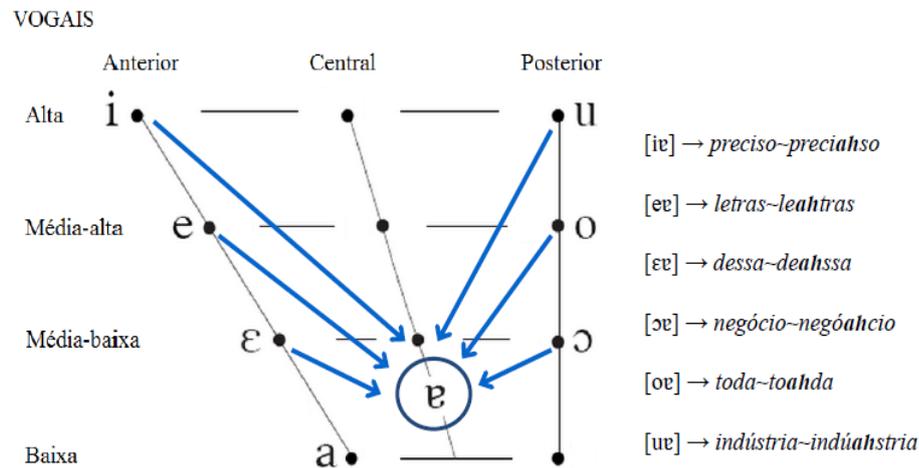


Figura 3 – Representação de *ingliding* sobre o trapézio das vogais

A análise acústica (ver seção 3.2) de dados de uma falante prototípica mostra que todas as vogais tônicas podem sofrer aumento de duração (alongamento) e que o *glide* central que emerge das realizações com *ingliding* parece ser equivalente a [ə]. O processo pode ocorrer com qualquer das vogais /i, e, ε, ɔ, o, u/ e parece não ocorrer com /a/. O espaço articulatorio que ocupa o *glide* central é bastante semelhante à articulação de [a] em posição nuclear, o que contribui para que possíveis movimentos de centralização de /a/ em vogais alongadas não sejam percebidos como o surgimento de um *glide* central.

3.2 Encaixamento linguístico

A análise acústica de vogais tônicas com obstruintes ou pausas nas bordas²⁰ de dados de fala de uma falante porto-alegrense (55 anos, comunicadora de rádio), tomada como protótipo do padrão com *ingliding*, foi realizada, com o *software* PRAAT (BOERSMA e WEENICK, 2013), em outra etapa da pesquisa (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014). Nessa etapa, analisamos acusticamente os dados de fala obtidos de uma palestra realizada na UFRGS em maio de 2013

²⁰ Obstruintes nas bordas de vogais tônicas permitem visualizar de forma inequívoca o início e o final da emissão vocálica nos espectrogramas.

através das medidas de duração²¹ (em milissegundos), de F_2 ²² e de F_0 – ou *pitch*²³ – (em Hertz). As medidas tinham o objetivo de testar as hipóteses de Battisti (2013) de que o gatilho da regra de formação de *ingliding* seria o aumento de duração e de que poderia haver motivação entoacional e prosódica na formação do processo.

Constatamos que, de fato, as realizações que soam ditongadas possuem tanto aumento de duração quanto significativa variação de F_2 rumo à centralização. Tal resultado teve como comparação as médias de F_2 da própria falante prototípica, mostrando que o valor de F_2 do *glide* central é bastante próximo ao da vogal /a/ dessa falante: 1417 Hz. Em valores absolutos, houve maior ocorrência de *ingliding* nas vogais médias baixas /ε, ɔ/.

A análise também mostrou alguns casos em que havia centralização de F_2 mas não aumento de duração, casos esses em que não há ditongação percebida de oitiva. Esses casos, outrora chamados de *ingliding* não percebido, parecem não se tratar de *ingliding* propriamente dito, mas do surgimento de um fone intermediário mais centralizado em relação à vogal nuclear, e não de dois segmentos na superfície. A realização foco do estudo, a que chamamos de *ingliding*, é aquela em que há soma dos processos de alongamento vocálico e mudança de F_2 : esta, percebida de oitiva, possui variação significativa de F_2 (rumo à centralização) aliada a aumento de duração.

A Figura 4, baseada na abordagem integrada de fonética e fonologia de Clements e Hertz (1996), é uma representação da palavra *ibope* sem *ingliding* (esquerda: ib[ɔ]pe) em comparação com a emissão da mesma palavra com *ingliding* (direita: ib[ɔ̃]pe)²⁴:

²¹ A medida de duração obtida foi a de duração absoluta. Entende-se que a medida de duração relativa (à sílaba, por exemplo) é mais confiável, principalmente quando se comparam dados de informantes diferentes que podem ter registros variados na velocidade da fala. Como as análises consideram dados de apenas uma informante, os dados de duração absoluta também indicam boas pistas de alongamento vocálico.

²² F_1 , F_2 e F_3 são formantes vocálicos, “zonas de frequência intensificadas pelas cavidades de ressonância de acordo com as diferentes configurações assumidas pelo trato vocal” (SILVA, 2011, p.120). A altura da vogal pode ser medida em Hertz (Hz) pelos valores de F_1 , enquanto a anterioridade/posterioridade é medida pelo valor de F_2 . Tal etapa contou também com medidas de F_1 , mas seguiu-se a análise de Clements e Hertz (2006) em que as medidas de F_2 já seriam suficientes para representar a centralização das vogais com *ingliding*.

²³ *Pitch* é a altura relativa (tom) da voz conforme percebe o ouvinte e o principal correlato acústico do tom e da entoação. A altura tonal resulta do número de vezes que a onda sonora periódica complexa produzida pelas pregas vocais se repete por segundo (JOHNSON, 2012, p.25), o que pode ser captado acusticamente pela medida em Hertz (Hz) da frequência fundamental (F_0). A fonologia entoacional, baseada na teoria métrica autosssegmental, usa tons abstratos como H (alto) e L (baixo) com referência a níveis de *pitch* verificados com medidas de F_0 (LADD, 2008).

²⁴ A representação aqui adotada é aquela que utiliza zeros duracionais (0ms), *placeholders*, considerando-se o motivo apresentado por Clements e Hertz (1996) de que, embora existam duas porções estáveis nas realizações com *ingliding*, essas muitas vezes se caracterizam no espectrograma do PRAAT como um traço contínuo, sem clara delimitação da transição entre as duas porções. Os zeros duracionais se referem a pontos nas bordas inicial e final da realização vocálica, que representam a variação de F_2 inicial e final.

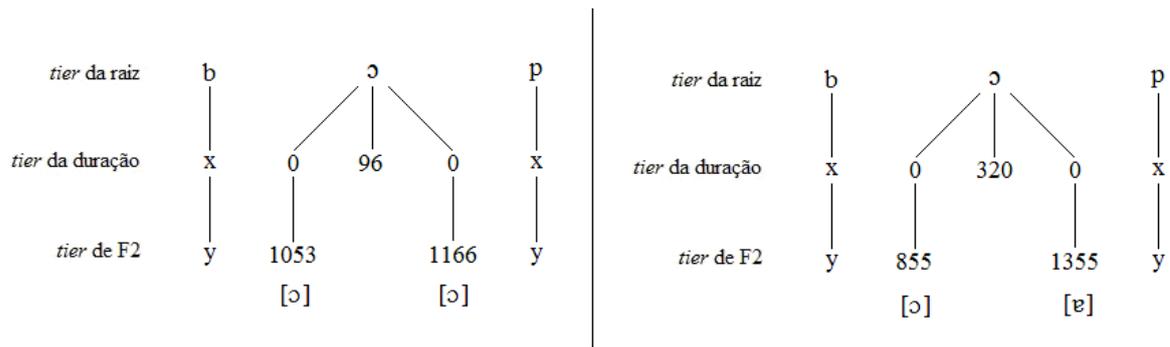


Figura 4 – Representação integrada de fonética e fonologia da vogal tônica de ib[ɔ]pe e ib[œ]pe (BATTISTI e OLIVEIRA, p.52)

Observa-se que ambas as realizações possuem apenas uma vogal subjacente no *tier* ('camada') da raiz, mas o que as difere são os *tiers* de duração e de F2. O *tier* da duração representa o alongamento vocálico que a emissão com *ingliding* sofre, enquanto o *tier* de F2 aponta a centralização que dá origem ao *glide* [ɐ]. A representação integrada é hierarquicamente organizada em *tiers* de traços parcialmente especificados e associa o *tier* fonológico da raiz aos *tiers* fonéticos da duração e de F2, que possuem valores abstratos. Esses valores servem de parâmetros para a realização física da fala e sua respectiva percepção. Esses parâmetros estão na base da sistematicidade captada nas realizações vocálicas da falante prototípica.

A motivação entoacional e prosódica foi testada com base em Ladd (2008) e Frota (1998), a partir da hipótese de que o *ingliding* poderia estar relacionado à proeminência silábica na frase e à posição proeminente em relação à frase entoacional. Para Frota (1998), há dois tipos de efeitos de marcação de constituinte prosódico: duracionais (alongamento de segmentos finais pré-fronteira, pausas, alongamento pré-pausa) e melódicos (movimento de *pitch*, altura de picos e vales na vizinhança de fronteiras). A coocorrência desses efeitos demarca limite de constituintes prosódicos mais altos, como a frase entoacional.

A análise qualitativa dos movimentos de *pitch*, somada aos resultados obtidos para duração, parece ir ao encontro da hipótese de motivação entoacional e prosódica: o surgimento do *ingliding* parece ocorrer no último elemento tônico de frases entoacionais, como em: [o jabá é um termo ant[iɐ]go]_I [n[ɛɐ]]_I [quer diz[ɛɐ](r)]_I. As realizações com *ingliding* podem, então, ocorrer como efeito de marcação de limite de frase entoacional, recaindo no último elemento tônico do constituinte, onde também recai o tom.

A Figura 5 é da emissão de *hoje* com *ingliding*. O elemento, que possui duração alta (340ms) e aparece entre pausas – constitui sozinho uma frase entoacional –, aponta a ocorrência de um contorno tonal complexo:

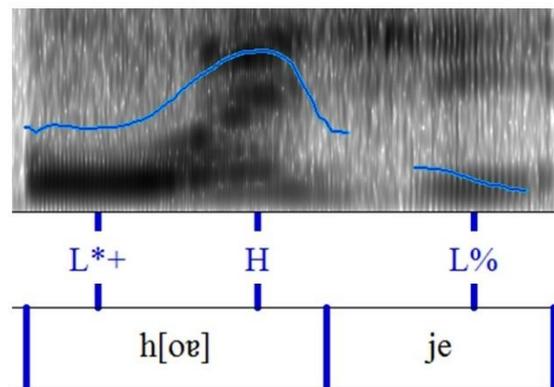


Figura 5 - Frequência fundamental (F_0) de $[h[œ]je]_1$ sobre espectrograma do PRAAT

O contexto acima constitui um evento tonal, nos termos de Ladd (2008), caracterizado por um contorno tonal complexo L^*+H seguido de um tom $L\%$ de fronteira. De acordo com Ladd (2008), movimentos ou contornos de *pitch* ao longo de um enunciado, que contribuem para dar relevo a certas palavras ou sílabas (foco) e assim têm impacto sobre os significados linguisticamente expressos, são fonologicamente representados como sequências de eventos entoacionais discretos. O tom complexo acima representado foi também constatado em outros casos de *ingliding*, o que contribui para confirmar a hipótese de se tratar de um processo que tem como princípio linguístico que o dirige a marcação de constituição prosódica.

3.3 Encaixamento social

Em sua primeira investigação, Battisti (2013) justificou a importância do estudo de *ingliding* da seguinte maneira:

Em termos labovianos (LABOV, 1972), essas realizações vocálicas parecem ser, a um só tempo, estereótipos (imitadas por pessoas de fora da comunidade), marcadores sociais (compõem um estilo), indicadores sociais (de classe social, por exemplo). São, portanto, objeto relevante a estudos sociolinguísticos, a merecer análise de regra variável, estudos de atitude, identidade e estilo.

(BATTISTI, 2013, p.59)

A hipótese surgiu após levantamento em *blogs* e outras fontes em que as pessoas referem as vogais do português falado em Porto Alegre como longas, manhosas, preguiçosas, arrastadas e afetadas, o que mostra que tais vogais constituem um estereótipo, que é frequentemente associado ao *magrão* porto-alegrense. Estudos posteriores poderiam revelar estilos que possuem a variante com *ingliding* como parte de sua composição, bem como relação com classe

social, partindo da suspeita baseada na percepção popular de que o *ingliding* poderia estar associado a pessoas de classes sociais mais altas.

Essas indagações motivaram o trabalho de percepção e atitudes a respeito do falar com *ingliding* (OLIVEIRA, 2015)²⁵, em que me utilizei da técnica de falsos pares (LAMBERT *et al.*, 1960) e da técnica de mapas desenhados (PRESTON, 1989) para elaboração de instrumentos que medissem atitudes de informantes porto-alegrenses em relação à cidade de Porto Alegre e a seus falares. A elaboração dos questionários e mapas foi baseada em Oushiro (2015) e Rosa (2014), respectivamente. Os instrumentos foram aplicados a oito informantes nativos porto-alegrenses (Grupo 1), sendo um do sexo masculino e um do sexo feminino para cada uma das quatro zonas da cidade (central, norte, leste e sul).

Para fins de comparação de resultados, dois porto-alegrenses que possuíam fala marcada por *ingliding* (Grupo 2) – um homem e uma mulher – também fizeram parte do instrumento de falsos pares. A escolha dessa comparação surgiu baseada em Giles (1970), que afirma que as pessoas tendem a avaliar falares semelhantes ao seus de maneira positiva, o que se buscou verificar na análise.

Na técnica de falsos pares, estímulos (leitura de um texto em voz alta) foram produzidos por dois homens e duas mulheres, e cada um deles realizou duas leituras distintas: uma com *ingliding*, outra sem. Após ouvir a gravação dos estímulos, os informantes responderam a um questionário que contava com um conjunto de questões envolvendo variáveis contínuas/quantitativas organizadas em diferenciais semânticos de cinco pontos, sendo 1 equivalente a *pouco* e 5 a *bastante*; e com um conjunto de questões envolvendo caixas de seleção com características pessoais das quais os informantes poderiam escolher a quantidade que julgassem relevante, num total de 30 opções.

Os fatores constantes no questionário (em itálico), por questão, foram: (1.a) Para você, o falar dessa pessoa é: *Agradável, Confortável (inteligível/claro), Prestigiado*; (1.b) Para você, essa pessoa parece: *Extrovertida, Escolarizada, Inteligente, Feminina/Masculina, Formal, Amigável, Porto-alegrense, Ter sotaque, Ter amigos*; (1.c) Essa pessoa deve morar num: *Bairro mais periférico-Bairro mais central*; (2) Considerando o que você ouviu, essa pessoa deve ser: *Patricinha/Mauricinho, Trabalhadora, Preguiçosa, Sociável, Maconheira, Prática, Confiante, Religiosa, Deprimida, Gay/Lésbica, Simples, Confiável, Caipira, Conservadora, Solidária,*

²⁵ O trabalho aqui referido foi apresentado por mim no XIV Fórum FAPA, ocorrido em novembro de 2015, sob orientação da Profa. Dra. Elisa Battisti. Os resultados desse estudo – aqui reproduzidos de maneira sucinta – serão publicados em artigo escrito para os Anais do XIV Fórum FAPA, que tem previsão de publicação para agosto de 2016.

Mimada, Tímida, Mal-educada, Engraçada, Independente, Sofisticada, Negra, Branca, Articulada, Nerd, Metida, Desencanada, Irritante, Descolada, Sincera.

Alguns resultados da análise, feita com o *software* SPSS²⁶, estão nas Tabelas 1 e 2 a seguir. A Tabela 1 traz os resultados referentes à produção de uma mulher que realizou os dois estímulos – R(fem) –, sem e com *ingliding* (colunas da esquerda e direita abaixo de cada fator, respectivamente). A Tabela 2 traz os resultados referentes à produção de um homem – M(masc) – que realizou os estímulos.

Informantes – G1			Fatores: sem com <i>ingliding</i> e alongamento											
Nº	Sexo	Zona	Agradável		Confortável		Prestigiado		Formal		Porto-Alegrense		Ter sotaque	
1	M	Central	4	2	5	4	4	3	5	3	4	5	4	5
2	F	Central	3	2	5	5	3	3	5	2	1	5	1	5
3	M	Norte	5	1	5	4	3	3	4	3	3	5	1	1
4	F	Norte	2	2	2	2	3	3	3	3	4	4	3	4
5	M	Sul	4	4	5	3	3	3	5	4	2	5	3	3
6	F	Sul	3	4	5	5	1	3	5	4	1	5	1	4
7	M	Leste	3	4	4	3	4	3	3	4	4	3	1	3
8	F	Leste	3	2	4	3	4	1	5	3	4	4	4	4
<i>Médias</i>			3,37	2,62	4,37	3,62	3,12	2,75	4,37	3,25	2,87	4,5	2,25	3,62
<i>Significância</i>			0,244		0,02		0,476		0,038		0,048		0,036	

Tabela 1 - Resultados dos informantes do Grupo 1 (G1) para o questionário de percepção e avaliação sobre os falares de R(fem) sem (esquerda) e com (direita) *ingliding* e alongamento vocálico. (OLIVEIRA, 2015)

²⁶ *Statistical Package for Social Sciences*, pacote de programas estatísticos empregados em ciências humanas e sociais. Disponível em: www.spss.com (Acesso em 07/06/2016).

Informantes – G1			Fatores: sem com <i>ingliding</i> e alongamento											
Nº	Sexo	Zona	Agradável		Confortável		Prestigiado		Formal		Porto-Alegrense		Ter sotaque	
1	M	Central	4	3	5	4	4	3	4	3	5	5	3	5
2	F	Central	5	3	4	4	4	3	5	2	2	4	1	4
3	M	Norte	4	2	5	5	4	3	5	3	5	5	1	1
4	F	Norte	4	4	4	4	3	4	3	3	4	5	4	5
5	M	Sul	3	4	3	4	4	5	4	4	2	5	3	5
6	F	Sul	4	4	4	4	2	4	3	2	4	4	3	3
7	M	Leste	3	3	3	3	4	3	4	3	3	3	3	4
8	F	Leste	5	3	5	3	4	2	4	2	4	3	3	4
<i>Médias</i>			4	3,25	4,12	3,87	3,62	3,37	4	2,75	3,62	4,25	2,62	3,87
<i>Significância</i>			0,111		0,451		0,25		0,011		0,217		0,011	

Tabela 2 - Resultados dos informantes do Grupo 1 (G1) para o questionário de percepção e avaliação sobre os falares de M(masc) sem (esquerda) e com (direita) *ingliding* e alongamento vocálico. (OLIVEIRA, 2015)

Os fatores *agradável*, *confortável* e *prestigiado* tiveram resultados variados, o que sugere não haver acordo entre os informantes da amostra na avaliação do falar marcado pelo processo, mas fatores influenciando nas suas respostas. Os dois informantes da zona sul, por exemplo, foram os únicos a classificar o falar com *ingliding* como agradável (valor 4) para ambos os falantes. O falar com *ingliding* teve, em geral, altos índices para o fator *confortável* (com média inferior ao falar não marcado pelo processo, mas ainda com valores próximos a 4), o que pode ser resultado da percepção relatada pelos próprios informantes da amostra após a realização dos instrumentos: a de que o falar é “claro”, “explicativo” e “pausado”, portanto, inteligível/claro.

Os resultados discrepantes e, em geral, baixos para o fator *prestigiado* do falar com *ingliding* se devem à variação na concepção de prestígio entre os informantes. Enquanto alguns não conheciam bem o conceito, outros o associaram a um falar *formal* e *livre de sotaques*, o que fez com que considerassem o falar com *ingliding* como menos prestigiado.

O Gráfico 1 mostra que os falantes do Grupo 2, como esperado, avaliaram o falar com *ingliding* de maneira mais positiva do que os falantes do Grupo 1.

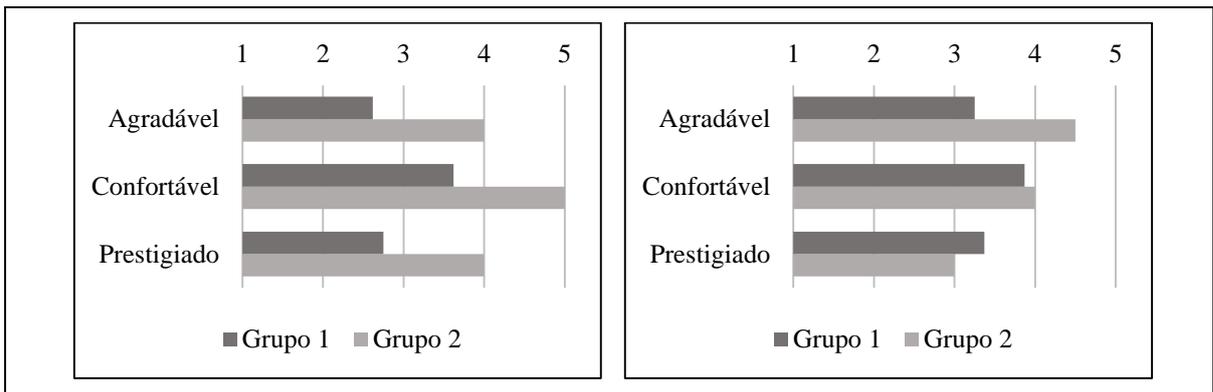


Gráfico 1 – Médias dos resultados dos informantes do Grupo 1 e do Grupo 2 para os falares com *ingliding* e alongamento vocálico de R(fem) (esquerda) e M(masc) (direita).

(OLIVEIRA, 2015)

Provavelmente, os informantes do Grupo 2 tomam seus próprios falares como parâmetro de avaliação, o que explicaria a diferença nas médias. À exceção do fator *prestigiado* sobre o falar do falante M(masc) – fator que, também para o Grupo 1, foi dos que obteve respostas mais discrepantes –, os demais dados apontam avaliação mais positiva pelos falantes do Grupo 2.

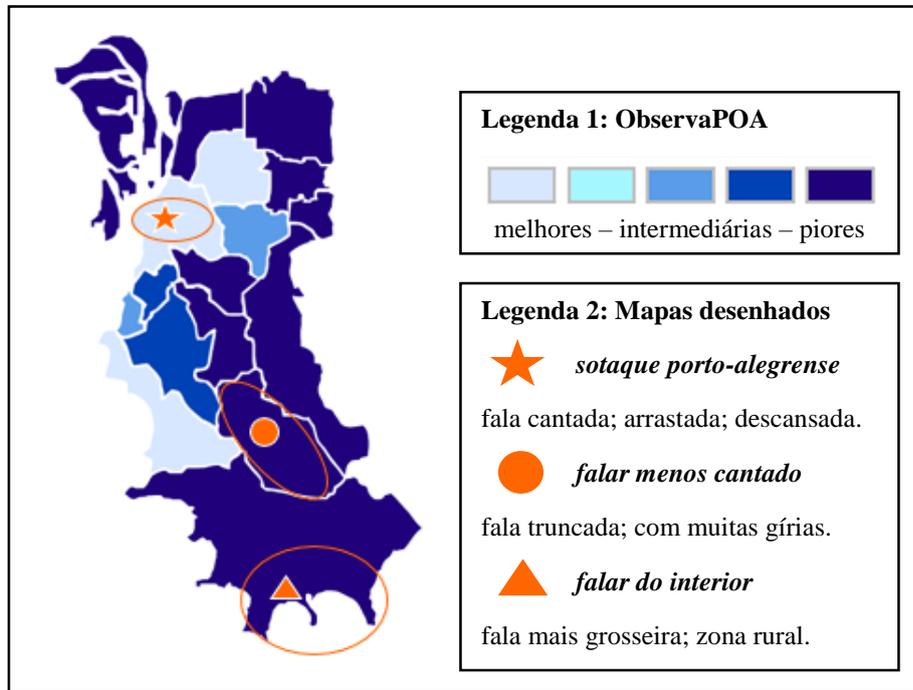
De volta aos demais fatores analisados pelo Grupo 1, nota-se grande diferença entre as médias no fator *porto-alegrense*. Essa diferença mostra que, para a maioria dos informantes, o falar com *ingliding* é percebido como típico de Porto Alegre. Os fatores *formal* e *ter sotaque* revelaram-se estatisticamente significativos: o falar com *ingliding* foi relacionado ao de alguém menos formal (descontraído) e com sotaque.

Em relação às caixas de seleção, as características mais frequentemente selecionadas para a oposição entre os dois falares foram: *desencanado*, *descolado* e *preguiçoso*, para o falar com *ingliding*; *trabalhador*, *nerd* e *conservador*, para o falar não marcado pelo processo. Além disso, o falar com *ingliding* também chegou a ser associado a *patricinha/mauricinho*, *maconheiro* e *gay*. Todas essas características indicam relação entre *ingliding* e estilo enquanto característica identitária de criação de *persona*.

Na técnica de mapas desenhados, os informantes foram solicitados a marcar, conforme sua percepção, áreas de Porto Alegre em que as pessoas possuíssem um jeito *diferente* de falar, podendo essa diferença ser de qualquer tipo. Após localizar no mapa, os informantes deveriam registrar as características que definiriam os falares mencionados. Os informantes recebiam um mapa em branco da cidade de Porto Alegre (ROSA, 2014, p.72), com alguns pontos turísticos de referência, e um mapa com bairros vigentes como fonte de consulta (ROSA, 2014, p.73).

As três áreas que foram recorrentemente desenhadas pelos informantes estão representadas no mapa da Figura 6. Nele, a sistematização dos desenhos recorrentes foi

sobreposta a um mapa do ObservaPOA que distingue regiões pela renda familiar em uma escala contínua de 5 pontos (cores).



ObservaPOA (legenda 1); O autor (legenda 2).

Figura 6 – Mapa de Porto Alegre (regiões) do ObservaPOA – Responsáveis com renda maior que 10 salários mínimos (legenda 1) e Regiões apontadas por informantes no instrumento de mapas desenhados (legenda 2).
(OLIVEIRA, 2015)

A zona central da cidade foi apontada como associada ao ‘sotaque porto-alegrense’, falar referido por todos aqueles que frequentam a zona central regularmente ou gostam da região. Nos desenhos que fizeram dos mapas, além de circular a zona central, os informantes indicaram o bairro Bom Fim como local em que se ouve o falar “cantado” característico de Porto Alegre. Parece haver, então, associação do processo a regiões que gozam de bons níveis econômicos, ou seja, entre o falar com *ingliding* e *status* social, concepção que levaria em conta tanto fatores objetivos (como renda) quanto subjetivos (como hábitos de consumo, acesso a bens culturais, opções de lazer, etc.) associados a classe social.

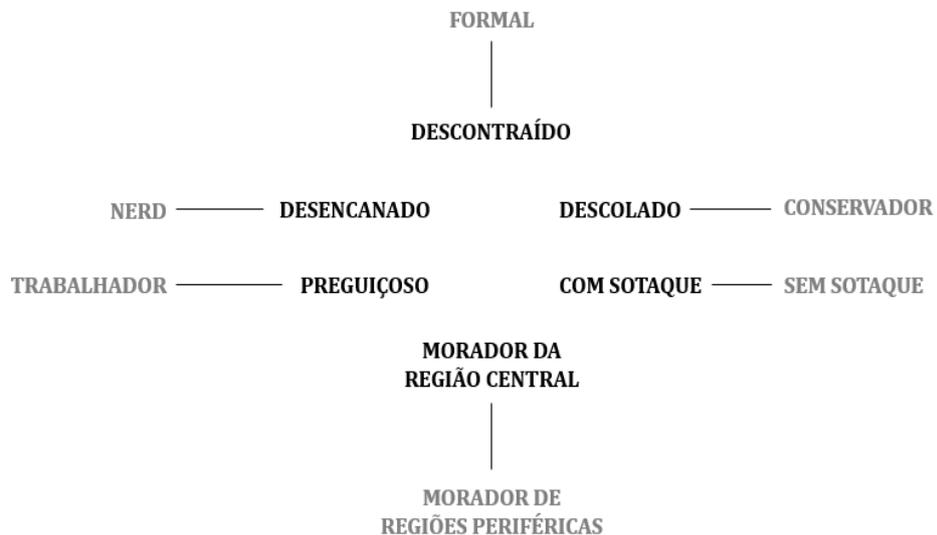
Como a zona central e seus frequentadores compõem, em geral, as mídias da cidade, faz sentido que o falar tido como característico dessas regiões seja tomado como *estereótipo* do falar porto-alegrense como um todo. As demais regiões assinaladas do mapa são regiões de baixos níveis econômicos. Dentre elas, destaca-se o bairro Restinga, que acolhe diversas famílias em programas de habitação popular, e a região extremo sul, que conta com pequenas propriedades rurais de produção agroecológica e de criação de animais, como cavalos e ovelhas.

Os resultados de Oliveira (2015) sugerem que, em termos labovianos, a variante com

ingliding, embora seja um *estereótipo* para quem não é porto-alegrense, seria um *marcador* da fala porto-alegrense para os próprios habitantes da cidade, por gerar resultados regulares nos testes de atitudes subjetivas e ser associado a estilo. Os porto-alegrenses, em geral, reconhecem o falar como “cantado”, mas não fazem discursos metalinguísticos específicos a respeito das vogais tônicas e sua associação a perfis sociais, o que colabora para a hipótese.

Como o falar com *ingliding* é percebido como característico de Porto Alegre principalmente por informantes que frequentam a zona central e a apreciam, pode-se pensar que existam subcomunidades distintas em Porto Alegre associadas à circulação dentro da cidade. A frequente associação do falar com *ingliding* ao bairro Bom Fim e à zona central pode apontar que essa região geográfica é possível favorecedora da aplicação do processo. Além disso, o falar em questão pode ser, de fato, *indicador* de classe social, já que está associado a regiões que seriam consideradas de classe alta.

Os resultados acima apresentados também mostram que uma variável como o *ingliding* não possui significados estáticos, mas sim significados gerais que podem se especificar em certos contextos estilístico-ideológicos. Um campo indexical (ECKERT, 2008) da variável seria constituído das características acima selecionadas pelos informantes, que são significados potenciais associados à variante com *ingliding*, como mostra a Figura 7.



Preto: significados associados à presença de *ingliding*

Cinza: significados associados à ausência de *ingliding*

Figura 7 – Campo indexical do *ingliding* no português de Porto Alegre (RS)

(BATTISTI e OLIVEIRA, no prelo)

O campo indexical da Figura 7 é, portanto, uma possível representação de um campo indexical do *ingliding* de Porto Alegre, que reúne os significados potenciais mais significativos

obtidos através dos experimentos de percepção e atitudes. A representação é baseada em Eckert (2008, p. 466) e opõe²⁷ os principais significados associados à variante com *ingliding* aos significados associados ao falar sem *ingliding*. Vale ressaltar que o campo não é fixo, mas fluido e sujeito a constante ressignificação, o que se percebe, inclusive, nos resultados dos experimentos, já que nem todos associaram as mesmas características à variante com *ingliding*. A representação ilustra a compreensão da variável como *índice de segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003) que associa a localização geográfica atribuída ao uso de *ingliding* (zona central), – essa, por sua vez, associada a classe social (classe alta) – a estilos de vida (*descontraído, desencanado, descolado e preguiçoso*). Além disso, o fato de o uso da variante ter sido significativamente percebido como marca de *sotaque* mostra que o traço linguístico é suficientemente saliente para receber tais avaliações sociais, mesmo que essa avaliação em si não seja necessariamente consciente.

Um estudo de primeira onda que buscasse os padrões de variação na cidade de Porto Alegre e os fatores linguísticos e sociais favorecedores da aplicação da regra de *ingliding* trariam luz à compreensão do traço linguístico estudado. Mas se o *ingliding* é recurso para construção de estilo, também se faz necessário um estudo de terceira onda, que considere a variável a partir da perspectiva estilística. É buscando a complementaridade dessas vertentes que o presente trabalho dá mais um passo em seu desenvolvimento.

²⁷ A oposição em questão é utilizada puramente para efeito de contraste. Observa-se o quão diferente pode ser a percepção e avaliação em razão da presença do *ingliding*, ou seja, como esse traço linguístico é capaz de mudar a *persona* ou papel social que se interpreta que o falante esteja exercendo em dada situação social. Sendo assim, a Figura 7 diz sobre a presença de *ingliding*, mas não necessariamente sobre a ausência do processo.

4 METODOLOGIA

4.1 Questões de pesquisa e objetivos

Em termos linguísticos, buscam-se respostas para as seguintes perguntas de pesquisa:

- (1) Considerando que o estudo acústico revelou maior aplicação de *ingliding* nas vogais médias baixas – embora ele possa surgir associado à maioria das vogais tônicas –, de que maneira a qualidade da vogal pode interferir na aplicação da regra variável?
- (2) O contexto seguinte pode exercer influência sobre a realização de *ingliding*, mesmo que este não pareça ser uma ditongação assimilatória? Há influência do tipo de sílaba na aplicação do processo?
- (3) Se o fenômeno ocorre na sílaba tônica, a posição do acento na palavra tem efeitos sobre o *ingliding*?
- (4) Se a constituição prosódica parece ter influência sobre o processo, muitas vezes percebido como marca do falar “cantado”, o último elementoônico do constituinte frase entoacional – principal elemento marcador de melodia, ritmo – favorece, de fato, a ocorrência de *ingliding*?

Em termos sociais, as principais questões de estudo são as seguintes:

- (1) Se o *ingliding* existe e, embora seja considerado como característica típica do falar de Porto Alegre, não está presente na fala de todos os porto-alegrenses, que porto-alegrenses o produzem? O processo está, conforme se suspeita, associado a classe social? O bairro Bom Fim (zona central) é, de fato, representativo deste falar?
- (2) Se, na linha de Eckert (2008), a variante com *ingliding* possui valores ou significados potenciais que a torna recurso para construções ideológicas de estilo, que significados, ideologias e estilos são estes? De que maneira os resultados de produção se aproximam aos resultados de percepção encontrados por Oliveira (2015)?
- (3) Partindo do pressuposto de Eckert (2009) de que o estudo variacionista tradicional revela dados importantes para a análise da construção estilística, de que forma as categorias macrossociais se mostram relevantes para o estudo de *ingliding* e estilo? De que maneira as comunidades de prática se associam às categorias macrossociais?
- (4) Quais poderiam ser as motivações históricas para os resultados encontrados? De que maneira o movimento jovem ocorrido nos anos 1980, que motivou a criação do *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015), estaria relacionado ao processo?

A delimitação dos objetivos visa a testar as primeiras hipóteses que, por sua vez, são baseadas nos resultados dos estudos anteriores (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015). O objetivo geral da investigação aqui apresentada é analisar o processo fonético-fonológico de *ingliding* em sílabas tônicas buscando tanto esclarecer aspectos linguísticos e sociais que sustentam o emprego da variante em questão, quanto aliar o estudo das categorias macrossociais ao chamado estudo de terceira onda (ECKERT, 2005), tomando a variável estudada como recurso para construção de estilo.

Os objetivos específicos do presente estudo são:

- (a) Investigar a configuração da comunidade de fala de Porto Alegre relacionando presença *versus* ausência de *ingliding* a seus estratos sociais.
- (b) Verificar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a aplicação da regra de *ingliding* no português brasileiro falado em Porto Alegre.
- (c) Investigar a relação entre *ingliding* e a construção de estilo dos falantes que possuem falar marcado pelo processo, relacionando o uso da variante com *ingliding* e os resultados quantitativos de categorias macrossociais a fatores qualitativos que indiquem, nos estilos, a ideologia por trás dos significados sociais associados ao processo.
- (d) Buscar, através de investigação da sócio-história de Porto Alegre, relações entre grandes mudanças e movimentos sociais da cidade e o emprego de *ingliding* que contextualizem os estilos e significados sociais atualmente associados à variante em questão.

4.2 Procedimentos metodológicos

O presente estudo divide-se em dois tipos de análises: Análise de Regra Variável e Análise de Conteúdo. Ambas as análises se utilizam de dados obtidos de entrevistas sociolinguísticas²⁸ que constituem a amostra piloto do LínguaPOA, acervo em constituição que será um dos resultados da pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Elisa Battisti (atualmente em andamento junto ao CNPq) ao qual esse estudo se vincula, intitulada “Variação Fonético-Fonológica e Classe Social na Comunidade de Fala de Porto Alegre”. As análises também

²⁸ A entrevista sociolinguística é o procedimento tradicionalmente empregado em pesquisas sociolinguísticas de variação, para obter dados de fala o mais naturais possível. Conforme Tarallo (2006), esse método busca minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. Segue-se um questionário-guia de perguntas sobre tópicos que suscitem conversação sobre o cotidiano e as práticas dos informantes. Com ele, é possível obter narrativas de experiência pessoal que, pelo alto teor de envolvimento emocional, levam ao menor grau de monitoramento da fala por parte do informante.

consideram dados obtidos nas etapas anteriores da pesquisa de *ingliding*, bem como levantamentos sócio-históricos realizados para este estudo.

4.2.1 As entrevistas sociolinguísticas

As entrevistas sociolinguísticas da amostra piloto do LínguaPoa utilizadas no presente trabalho foram realizadas por mim e por Viviane Tebaldi Moras, bolsista de Iniciação Científica também vinculada ao projeto, sob supervisão da coordenadora do projeto. Nessa etapa, oito informantes foram entrevistados: um homem e uma mulher de cada uma das quatro zonas de Porto Alegre (central, norte, leste e sul). Não houve controle prévio de faixa etária, escolaridade e renda dos informantes, mas, em cada zona, escolheu-se um informante de bairro com renda baixa e, em comparação ao bairro da mesma zona, um informante de bairro com renda mais alta²⁹.

O projeto tem a devida aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa, de modo que todos os informantes entrevistados assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1). As informações pessoais dos informantes foram coletadas através de Ficha de Entrevista (Anexo 2), e as informações socioeconômicas foram obtidas através de questionário nos moldes do Critério Brasil 2015³⁰ que enquadra os indivíduos em índices de classe social³¹.

Os dados foram gravados com gravador digital GH-609 e também com a função de gravação de um aparelho de celular de modelo iPhone 4. Todos os arquivos de áudio – bem como demais documentos escaneados – estão armazenados em conta do LínguaPOA de armazenamento online. A qualidade das gravações será analisada para que seja verificada a necessidade de aquisição de novo aparelho gravador de áudio para as demais entrevistas. As entrevistas possuem duração média de 50 minutos e seguem roteiro de entrevista elaborado pelo grupo de pesquisa para o LínguaPOA (Anexo 3).

Os informantes foram contatados via indicação (uma pessoa contatada indicou outra com características relevantes à pesquisa). Foram selecionados apenas informantes que nasceram e

²⁹ Indicadores obtidos no ObservaPOA foram utilizados como referência.

³⁰ Critério Brasil de Estratificação Econômica da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) válido a partir de 01/01/2015. Disponível em: <http://www.abep.org/> (Acesso em 07/06/2016).

³¹ A distribuição em classes do Critério Brasil obedece a um sistema de pontos atribuídos de acordo com as variáveis: itens de conforto (quantidade de banheiros, automóveis, geladeiras, etc.); grau de instrução do chefe da família, isto é, pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio (nível de escolaridade); e acesso a serviços públicos (distribuição de água, pavimentação da rua). Os pontos relativos a cada variável são proporcionais à influência de cada fator no cálculo geral. Quanto mais pontos um informante obtém, mais alto é seu índice de classe social conforme a ordenação a seguir: A > B1 > B2 > C1 > C2 > D-E.

residem na cidade de Porto Alegre. A Tabela 3 reúne as informações dos informantes que constituem a amostra piloto:

Inf.	Sexo	Zona	Bairro	Idade	Escolaridade	Classe
1	M	Central	Bom Fim	25	Superior	B1
2	F	Central	Azenha	44	Superior	B2
3	M	Norte	Navegantes	34	Superior	B2
4	F	Norte	Sarandi	26	Superior	B2
5	M	Leste	Morro Santana	26	Médio	C1
6	F	Leste	Chácara das Pedras	22	Superior	A
7	M	Sul	Restinga	22	Superior	B1
8	F	Sul	Ipanema	47	Superior	A

Tabela 3 – 8 informantes da amostra piloto do acervo LínguaPOA

Na Tabela 3, foram demarcados os bairros de renda mais alta em comparação com o outro bairro da mesma zona. Observa-se que a maioria dos informantes completou ou cursa o Ensino Superior e está nos índices de classe B (B1 ou B2). Apenas um informante tem como índice de escolaridade Ensino Médio e classe C, e apenas duas informantes são de classe A. Além disso, a maioria dos informantes está na primeira faixa etária de estratificação do LínguaPOA (até 39 anos), duas informantes estão na segunda faixa etária (40 a 59 anos) e nenhum informante está na terceira faixa etária (60 anos ou mais).

4.2.2 A amostra

Após a realização das entrevistas sociolinguísticas, todas foram novamente ouvidas para que se constatasse quais informantes teriam sua fala marcada por *ingliding*, o que guiaria as decisões metodológicas seguintes. A oitiva das entrevistas revelou que apenas a informante nº8 possui aplicação de *ingliding* em seu falar. Os demais informantes não possuem falar marcado por *ingliding*, e a informante nº2, embora possua uma fala com considerável aplicação de alongamento vocálico percebido, utilizou a variante com *ingliding* em pouquíssimos casos, praticamente restritos a algumas emissões de “*nê*”.

Considerando que o *corpus* é composto de dados de 8 informantes, dos quais apenas uma possui seu falar marcado por *ingliding*, a abrangência e potencial de generalização dos

resultados encontra-se limitada. Nesse sentido, opera-se com a consciência de que os dados deste estudo não podem dar conta de responder integralmente às questões de pesquisa e a todos os objetivos elencados na seção 4.1. Contudo, considera-se a importância da etapa de entrevistas piloto e suas contribuições para a pesquisa em desenvolvimento, tanto pela possibilidade de afinamento dos procedimentos metodológicos quanto pelos resultados em si que, se não solucionam totalmente as questões de pesquisa, enriquecem a busca com pistas que dão força às hipóteses e corpo à investigação de um processo linguístico que não conta com estudos prévios aos aqui expostos.

4.2.3 Análise de regra variável

Como a informante nº8 é a única informante da amostra a apresentar aplicação do processo de *ingliding* em seu falar, a testagem dos fatores sociais através de análise quantitativa ficou inviabilizada, o que significa que esses fatores podem apenas ser analisados qualitativamente. Optou-se, então, pela codificação de dados e análise estatística apenas da entrevista com a informante nº8, análise esta composta apenas por variáveis linguísticas. Após codificação, os dados foram submetidos a análise de regra variável com o programa computacional R, versão 3.3.0, e pacote Rbrul, versão 2.3.2 (JOHNSON, 2016).

A variável dependente da análise é o *ingliding*, tratado como variável binária (aplicação x não aplicação). A codificação da entrevista, por considerar os estudos anteriores, foi realizada de oitiva, visto ser o *ingliding* assim percebido o foco de estudo.

As variáveis linguísticas independentes (grupos de fatores) incluídas são expressas no Quadro 1. A motivação para seleção dessas variáveis linguísticas relaciona-se com as questões de pesquisa, por sua vez derivadas das primeiras hipóteses formuladas em etapas anteriores do estudo.

Variável linguística	Fatores	Exemplo
Vogal nuclear	/i/	<i>país</i>
	/e/	<i>letras</i>
	/ɛ/	<i>netos</i>
	/ɔ/	<i>agora</i>
	/o/	<i>ônibus</i>
	/u/	<i>música</i>

Contexto fonológico seguinte ³²	pausa	<i>vó</i>
	oclusiva	<i>época</i>
	fricativa	<i>jovem</i>
	tepe	<i>fora</i>
	lateral	<i>dela</i>
	nasal	<i>sofrendo</i>
	<i>glide</i>	<i>dói, céu</i>
Posição do acento na palavra	Monossílabo tônico	<i>né</i>
	Oxítono	<i>até</i>
	Paroxítono	<i>história</i>
	Proparoxítono	<i>próximo</i>
Estrutura prosódica ³³	Limite de palavra prosódica (ω)	<i>[[Eles]$_{\phi}$ [preferiram]$_{\phi}$</i>
	Limite de frase fonológica (ϕ)	<i>[[fazer]$_{\omega}$ compras]$_{\phi}$</i>
	Limite de frase entoacional (I)	<i>juntos]$_I$</i>
Tipo de sílaba ³⁴	Sílaba aberta	<i>pé, vozes</i>
	Sílaba fechada	<i>sei, detesto</i>

Quadro 1 – Variáveis linguísticas independentes consideradas na análise

Acredita-se que o *ingliding* tenda a ocorrer em vogais médias baixas e em final de frase entoacional, podendo ser favorecido, também, por sílaba aberta, por este tipo de sílaba estar associado a alongamento vocálico. A variável *contexto fonológico seguinte* é incluída na análise sob hipótese de que, por não ser o *ingliding* um processo resultante de assimilação, não deve haver influência desse grupo de fatores. Testa-se, também, a influência da posição do acento na palavra.

Embora tenham sido considerados dados de apenas uma informante, a natureza do processo de *ingliding* favorece a análise em questão: por se tratar de um processo que afeta seis das sete vogais tônicas e que parece possuir poucas restrições sobre seus contextos de aplicação,

³² Todos os contextos fonológicos seguintes foram considerados, e posteriormente amalgamados nos fatores apresentados no Quadro 1.

³³ Considera-se, para cada vogal tônica, apenas o constituinte de nível mais alto na hierarquia prosódica, como se pode observar no exemplo do Quadro 1. Utilizou-se a construção de domínios ϕ e I adotados por Serra (2009, p.70-71).

³⁴ Considerando o número limitado de fonemas que podem ocupar a posição de coda silábica no português brasileiro, essa variável precisa ser rodada separadamente de *contexto fonológico seguinte* para que não haja sobreposição de fatores.

dados de uma só entrevista sociolinguística podem ser rodados no programa estatístico. Outros processos linguísticos limitados a um menor número de contextos possíveis de aplicação não gerariam resultados minimamente proveitosos de apenas uma entrevista sociolinguística, pois possuiriam um número tão baixo de *tokens* que poderia inviabilizar a rodada estatística.

4.2.4 Análise de conteúdo

A análise qualitativa e interpretativa do conteúdo das entrevistas sociolinguísticas possibilita estudo de estilo relacionado ao *ingliding* no falar de Porto Alegre. Graças a um roteiro de entrevista que suscita fala espontânea através de assuntos relevantes para a pesquisa do ponto de vista estilístico (Anexo 3), é possível situar os entrevistados em grupos profissionais e sociais através de perguntas acerca de suas atividades profissionais e de lazer, e as principais comunidades de prática de que os informantes fazem parte são evidenciadas a partir de questões sobre sua participação em atividades.

Da mesma forma, as atitudes são medidas por perguntas abertas sobre Porto Alegre, Brasil e mundo, perguntas essas que englobam questões políticas, culturais e sociais que buscam evidenciar as posições ideológicas dos informantes, bem como suas aspirações, gostos pessoais e desejos para o futuro. É a partir da análise interpretativa de todos esses aspectos, a serem tratados de maneira sistemática, que os estilos dos informantes são considerados em sua relação com o fenômeno linguístico estudado.

A partir de tal análise, é possível relacionar as categorias macrossociais ao estudo da perspectiva estilística, compreendendo como os estilos podem se relacionar com essas categorias. O estilo como construção social de *persona*/identidade é, portanto, apreendido da própria entrevista sociolinguística, o que garante que a voz do informante seja levada em consideração, já que há interesse naquilo que o entrevistado tem a dizer. A partir da análise daquilo que os informantes declaram nas entrevistas, é possível comparar os resultados de produção linguística com os resultados do estudo de percepção (OLIVEIRA, 2015) e com os dados obtidos através do levantamento sócio-histórico de Porto Alegre, além de indicar comunidades de prática de interesse para estudos específicos de terceira onda da variante com *ingliding*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo, voltado à apresentação e discussão dos resultados, divide-se em duas seções, destinadas aos resultados das análises quantitativa e qualitativa. Alguns aspectos analisados tornam necessária a retomada de resultados obtidos e hipóteses aventadas nas etapas anteriores deste estudo.

5.1 Análise de regra variável

Em relação à análise quantitativa dos dados levantados das entrevistas sociolinguísticas, o primeiro resultado a ser discutido diz respeito ao fato de que, dentre os oito informantes entrevistados, apenas a informante nº8 possui falar marcado por *ingliding*. Tal resultado não é surpreendente. Pelo contrário, reforça a hipótese de o *ingliding* não constituir variação na mudança em progresso, mas ser uma variável estilística em variação provavelmente estável, cuja análise requer afiliar-se à terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2005), interessada em processos que não apenas aqueles com *status* de progressão dentro das comunidades, mas que são recurso para construção de *estilo* associado a traços identitários.

Se o *ingliding* existe e figura no imaginário gaúcho como típico dos porto-alegrenses, que porto-alegrenses o produzem? A limitada quantidade de dados aqui analisada – 1292 *tokens* ou contextos de aplicação da regra – não permite generalização a esse respeito, visto não ter sido possível a testagem dos fatores sociais. O que os resultados possibilitam, nesse caso, é dar corpo às hipóteses e sugerir caminhos de pesquisa, e para tanto é preciso que se observem os perfis dos informantes da amostra.

A proporção total de aplicação de *ingliding* na fala da informante nº8, de quem se levantaram os dados considerados na análise, foi de apenas 9,5%. Em estudos de larga escala, com mais informantes, proporções totais de aplicação de regra superiores a 5% indicam que há variação na comunidade de fala (proporções totais de aplicação abaixo de 5% não permitem afirmar que seja processo variável, e acima de 95% indicam que a aplicação é praticamente categórica). A proporção de 9,5% é intra-individual, sugere variação na fala do indivíduo. A variação na comunidade poderá ser verificada futuramente com a ampliação da amostra.

Considerando a possibilidade de o processo ser, como indica a percepção dos porto-alegrenses, característico da zona central e, mais especificamente, do bairro Bom Fim, poderia se esperar que o informante nº1, morador do Bom Fim, apresentasse aplicação de *ingliding* em seu falar. Um aspecto importante que pode sugerir explicações para o fato de o processo não

ocorrer no falar desse informante diz respeito à mobilidade dentro da cidade: o informante nº1 é morador do bairro Bom Fim há apenas dois anos (tendo morado, anteriormente, no Jardim Itu, bairro da zona norte da cidade). Além disso, a diferença de idade entre esse informante (25 anos de idade) e a informante nº8 (47 anos de idade), que possui o falar marcado por *ingliding*, pode ser um fator de influência.

A esse respeito, vale notar que, além da informante nº8, a informante nº2 apresentou alguns casos de aplicação de *ingliding* em suas emissões de “*né*”³⁵, além de apresentar um falar de vogais perceptivelmente alongadas. Embora o baixíssimo número de ocorrências de aplicação de *ingliding* no falar da informante nº2 inviabilizem sua inclusão na análise quantitativa, chama a atenção o fato de as duas serem as únicas a figurarem na segunda faixa etária de estratificação do LínguaPOA (40 a 59 anos). O que as aproxima e o que as diferencia?

As características listadas na Tabela 3 evidenciam que as informantes, ambas do sexo feminino e da mesma faixa etária, moram em zonas diferentes da cidade. Para além disso, observa-se que, enquanto a informante nº8 é de classe A de acordo com o Critério Brasil, a informante nº2 é de classe B2³⁶. A diferença de estrato socioeconômico, se confirmada como significativa em estudos futuros, vai ao encontro da hipótese de que o *ingliding* pode ser indicador de classe social. Já a faixa etária semelhante das informantes indica que o surgimento do falar com *ingliding* em Porto Alegre pode estar aliado ao movimento jovem de 1980: ambas as informantes passaram pelo período de adolescência à idade adulta no período entre os anos 1980 e 1990. Se o movimento ocorrido tem relação com o falar marcado por *ingliding*, pode ter influenciado diretamente ambas as informantes.

A relação entre a informante nº8 e o movimento dos anos 1980 será mais explorada nas seções destinadas a análise de conteúdo. Contudo, vale destacar o fato de que, enquanto a informante nº2 não mencionou diretamente ter vivenciado tal período de efervescência cultural, a informante nº8 relatou ter participado do movimento e chegou inclusive a mencionar o personagem Magro do Bonfa e sua relação com o contexto sociocultural da época.

Tais fatores são possíveis explicações a respeito do perfil dos informantes da amostra em sua relação com aplicação de *ingliding*, e podem levar à indicação de que o perfil social que favorece o falar com *ingliding* seja: sexo feminino, classe social alta, segunda faixa etária. A ligação com o movimento jovem dos anos 1980 ocorrido no Bom Fim também pode favorecer

³⁵ Considera-se a possibilidade de efeito lexical para aplicação de *ingliding* neste caso. Tal efeito poderá ser controlado em etapas futuras deste estudo.

³⁶ De acordo com o Critério Brasil de Classificação Econômica, a renda média domiciliar por estrato socioeconômico é a que segue: A: R\$20.272,56; B1: R\$8.695,88; B2: R\$4.427,36; C1: R\$2.409,01; C2: R\$1.446,24; D-E: R\$639,78.

a aplicação de *ingliding* no falar dos porto-alegrenses, além de explicar a relação que os porto-alegrenses fazem entre o processo em questão e a zona central e bairro Bom Fim.

A falante prototípica analisada em etapa anterior da pesquisa (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014) tem, nos aspectos acima mencionados, o mesmo perfil que a informante nº8 da amostra. Em verdade, a falante tomada como protótipo atuava como comunicadora de rádio na Ipanema FM, rádio considerada importantíssima para o movimento jovem dos anos 1980 por, assim como o bar Ocidente, dar voz aos jovens e divulgar seu trabalho musical na época de crescimento do *rock gaúcho*.

O fato de a mídia da cidade ser composta de pessoas com perfil semelhante ao aqui exemplificado contribui para a percepção de que o falar com *ingliding* é típico de Porto Alegre.

Assim, a “Porto Alegre imaginada” é um dos reflexos do cruzamento que os meios fazem a partir da sua linguagem. A mídia através da veiculação de imagens, sons, textos assume o papel de mediadora na construção dos sentidos que ficam registrados na memória coletiva dos cidadãos que vivem na cidade. Ela ajuda a construir a leitura que as pessoas fazem da cidade, fornecendo e reforçando determinados elementos simbólicos para a construção dos imaginários das pessoas sobre a cidade. Assim, se enredam e entrelaçam os imaginários urbanos com a história individual e a vida coletiva dos cidadãos.

(JACKS e MORIGI, 2010, p.38)

O trecho acima ilustra a importância do papel da mídia na construção de sentidos simbólicos que passam a fazer parte do imaginário urbano e da história coletiva e individual dos membros de uma comunidade. Por ter visibilidade dentro e fora da cidade, o falar com *ingliding* de comunicadores porto-alegrenses acaba por ser concebido como um estereótipo do falar da comunidade, motivando inclusive a criação de personagens extremamente estereotipados como o já mencionado Magro do Bonfa.

A futura ampliação do *corpus* possibilitará a verificação dessas primeiras sugestões, evidenciando, talvez, outros perfis sociais associados ao *ingliding* que não o aqui apresentado, que possam surgir de uma ressignificação da avaliação social do traço linguístico. No presente trabalho, a análise de fatores sociais fica limitada à observação qualitativa dos perfis dos informantes, a qual terá maior detalhamento na seção 5.2, destinada à descrição dos resultados da análise de conteúdo da informante nº8 sob a perspectiva estilística.

Os resultados para os grupos de fatores linguísticos testados na análise de regra variável estão expressos nas seções a seguir. As variáveis e seus resultados são apresentados na seção 5.1.3. Antes, aborda-se a redefinição da variável dependente (5.1.1), decorrente do exame de dados na etapa de codificação. Nessa mesma etapa, a variável *vogal nuclear* necessitou ajuste, o que se relata na seção 5.1.2.

5.1.1 Codificação dos dados para estrutura prosódica e a redefinição da variável dependente

A etapa de exame dos dados em constituintes prosódicos para codificação revelou que todas as ocorrências de aplicação do processo de *ingliding* ocorreram no último elemento tônico da frase entoacional, o que vai ao encontro das hipóteses iniciais. A lógica usada na codificação dos dados para construção da frase entoacional é a mesma utilizada por Serra (2009):

Construção do Sintagma Entoacional³⁷ (I) (PB):

- Toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de φs em uma oração raiz são mapeadas dentro de I (Nespor e Vogel 1986, Frota 2000). A formação de I está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas equilibrados.

(SERRA, 2009, p.70-71)

A definição de formação de frase entoacional acima trata da possibilidade de reestruturação, já prevista em Nespor e Vogel (1986), que considera a formação de Is equilibrados. A metodologia adotada nesse trabalho considera as rupturas percebidas em fronteiras de constituintes prosódicos, um dos objetos de estudo de Serra (2009), considerando que o algoritmo ideal de formação de constituintes prosódicos pode não se concretizar na fala espontânea em virtude de hesitações, interrupções, pausas e mudanças de rumo de pensamento a que a fala está sujeita. A seguir, a codificação de um trecho de fala exemplifica essa questão:

- (1) [E depois nos anos setenta]_I [esse crescimento vertical absurdo]_I [que era]_I [o mote]_I [do racionalismo]_I [no urbanismo]_I [que era o que ditava o nosso plano diretor]_I [e as ideias]_I [urbanísticas da época]_I

A depender de como o trecho é produzido, ele pode ser constituído de frases entoacionais maiores ou menores. O exemplo 1 acima mostra uma codificação típica de um momento de fala em que a informante hesita, como se buscasse as palavras enquanto pensa e produz seu discurso: nesse trecho, a informante parece complementar³⁸, aos poucos e de maneira pausada, aquilo

³⁷ As nomenclaturas *Frase Entoacional* e *Sintagma Entoacional* equivalem ao mesmo constituinte.

³⁸ A análise da curva de F0, não realizada nesse trabalho, poderia mostrar que tipo de evento tonal é associado à última sílaba acentuada de I que não coincide com final de enunciado (U). Tenani (2002, p.290-291) afirma que o evento tonal pode caracterizar fim de asserção neutra, ou tom *continuativo* ou *suspensivo*. Quando não há pausa entre Is – elemento que facilita a identificação da frase entoacional –, o constituinte pode ser identificado também por queda ou subida brusca e profunda de F0 em relação ao padrão de altura do falante, ou ainda consistente mudança de tessitura.

que fala. Uma leitura desse mesmo trecho de fala seguiria padrões distintos e provavelmente contaria com frases entoacionais maiores e em menor quantidade.

O resultado de tal codificação apontou que o grupo de fatores *estrutura prosódica* passaria a delimitar a variável dependente, figurando como condição para contexto possível de aplicação do processo de *ingliding*. Esse resultado não apenas modifica o desenho da análise quantitativa, mas fornece evidências sobre o processo em favor da hipótese de que o princípio linguístico que o dirige pode ser a marcação do constituinte prosódico frase entoacional.

O fato de o falar marcado por *ingliding* ser percebido como “arrastado” e “cantado” pode estar associado ao fato de o processo ser efeito de marcação da frase entoacional. Nesses contextos, conforme Frota (1998), coocorrem efeitos duracionais e melódicos, estes observados como relacionados ao *ingliding* em análise acústica anterior (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014). Ladd (2008) afirma que a proeminência em um enunciado é assinalada por um complexo de pistas fonéticas que refletem maior força articulatória e possível regularidade rítmica. O *ingliding*, que implica aumento de duração e, conseqüentemente, de esforço articulatório, ao surgir na borda de frases entoacionais acaba por acentuar marcação de ritmo, razão pela qual as pessoas, mesmo quando não se referem explicitamente ao surgimento do *glide* central, consideram o falar típico de Porto Alegre como um falar “cantado”.

Da mesma forma, é interessante notar que, se o *ingliding* surgisse em outro contexto que não a borda de um constituinte, sua presença poderia causar estranhamento em termos prosódicos e rítmicos. No exemplo 1 acima, a ocorrência de *ingliding* em “era” e “mote” só é possível devido à forma como estão estruturados os constituintes. Se a estruturação unisse as duas emissões em uma mesma frase entoacional – [que era o mote do racionalismo no urbanismo]_I – a aplicação do *ingliding* poderia ficar bloqueada, já que aumento de duração e movimentação significativa de F₀, que são correlatos acústicos que indicam o elemento proeminente no constituinte, só ocorreriam de maneira significativa na última sílaba acentuada. Nesse sentido, a ruptura desse constituinte em outras frases entoacionais é o que possibilita a ocorrência de *ingliding* nas emissões em questão.

5.1.2 Vogal nuclear

A primeira oitiva da entrevista teve papel na escolha das vogais nucleares a serem consideradas. De fato, não houve ocorrência de *ingliding* percebido de oitiva na vogal /a/, conforme se suspeitava. Foram excluídos contextos de vogal [a] nuclear, bem como encontros consonantais em que [a] estivesse na segunda posição, como em *viajaria* e *pessoas*. Nesses

casos, o movimento de centralização é motivado pela presença da vogal [a] na sílaba postônica e ocorre necessariamente, o que faz com que o contexto não seja propício para ocorrência de *ingliding*. A exclusão desses contextos resultou num total de 1393 *tokens* considerados na análise.

No entanto, as primeiras rodadas estatísticas resultaram em mensagem de erro do programa, que indicava que algum fator estaria prejudicando a análise. A revisão da codificação apontou o problema: não foi contabilizada nenhuma ocorrência de aplicação de *ingliding* em [u], o que significava que o fator não poderia ser incluído na análise. Por essa razão, os dados com [u] e o fator correspondente foram excluídos na análise, que passou a contar com 1292 *tokens*, considerando dados com as vogais nucleares /i, e, ε, ɔ, o/, apenas.

5.1.3 Resultados da rodada estatística

Os resultados expressos a seguir correspondem aos valores obtidos através da rodada estatística realizada com o pacote Rbrul, versão 2.3.2 (JOHNSON, 2016). Tais resultados são apresentados por ordem de significância, conforme apontado pela análise estatística (quantitativa), e analisados linguisticamente. Nessa primeira etapa de análise estatística, não foram feitos cruzamentos de grupos de fatores³⁹, o que se fará na sequência deste estudo.

5.1.3.1 Variável vogal nuclear

Em todas as rodadas estatísticas, a variável *vogal nuclear* foi considerada o fator mais relevante da análise. Os resultados da Tabela 4 reforçam a hipótese gerada a partir da análise dos dados da falante prototípica (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014): as vogais médias baixas /ε, ɔ/ favorecem a aplicação do processo. A ordem de pesos relativos sugere interessante progressão em termos de altura das vogais. Se fosse incluída a vogal /u/ como última colocada na progressão de favorecimento da regra, por não ter havido casos de aplicação, a ordem dos pesos relativos seria: ε ← ɔ ← e ← o ← i ← u. A altura da vogal parece influenciar a aplicação do processo, que é favorecido pelas médias baixas e desfavorecido pelas demais.

A diferença geral de valor de peso relativo é bastante grande: enquanto as vogais médias baixas⁴⁰ favorecem a aplicação de *ingliding*, com valores altos para peso relativo (superiores a

³⁹ Entre, por exemplo, as variáveis *tipo de sílaba* e *vogal nuclear*.

⁴⁰ Em etapas seguintes deste estudo, pode-se considerar as vogais médias baixas como delimitadoras da variável dependente.

0,80), as demais vogais desfavorecem aplicação do processo. Dentre as desfavorecedoras, a que mais se aproxima do ponto neutro é a vogal [e], que possui apenas 3% de proporção de aplicação de *ingliding*. Já a diferença de valor de peso relativo entre as vogais médias baixas é muito pequena, o que indica que mais importa a altura da vogal do que sua anterioridade/posterioridade para a aplicação do processo.

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
[ɛ] <i>Netos</i>	73/268	27%	0,85
[ɔ] <i>agora</i>	32/138	23%	0,84
[e] <i>letras</i>	13/378	3%	0,45
[o] <i>ônibus</i>	2/170	1%	0,20
[i] <i>país</i>	3/338	1%	0,14
TOTAL	123/1292	9,5%	

Input: 0,04
Significância: 0,000

Tabela 4 – Resultados da análise de regra variável para a variável *vogal nuclear*

Em suma, tal distribuição sugere que a posição articulatória das vogais possa ter influência na aplicação de *ingliding*. Se o *ingliding* surge a partir de perda de tensão e abaixamento da vogal, conforme afirma Donegan (1978), o favorecimento de aplicação do *ingliding* pelas médias baixas pode estar atrelado à articulação dessas vogais: em termos articulatórios, estão mais próximas do *glide* central do que as demais. Para que o *ingliding* ocorra nas vogais médias altas e altas, elas têm de ser abaixadas e centralizadas num esforço articulatório maior, o que pode tornar mais improvável que o *glide* central surja antes do término da emissão vocálica.

A proporção geral de aplicação do *ingliding*, como mencionado anteriormente, é de 9,5%. Em razão da alta diferença de ocorrência entre as vogais, tem-se valor de *input*⁴¹ bastante baixo:

⁴¹ De acordo com glossário elaborado por Guy e Zilles, “O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente. [...] Quando o valor do *input* se distancia da taxa geral, isso indica que a distribuição dos dados através dos vários fatores não é equilibrada (por exemplo, se houve grande diferença entre falantes masculinos e femininos, e a maioria dos dados da amostra veio de falantes femininos, o *input* deve corrigir esse desequilíbrio, e, portanto, desviar-se da frequência calculada para a amostra total)”. (GUY e ZILLES, 2007, p.238)

0,04. De um lado, a proporção de aplicação indica que há variação, ainda que com baixa proporção, no falar da informante nº8. De outro, a média corrigida de *input* reduz o nível geral de uso do *ingliding*. Por fim, a proporção de aplicação nas vogais médias baixas é significativamente maior e, se fossem as únicas consideradas na análise, indicariam proporção de aplicação em torno de 25%.

A esses resultados gerais, soma-se o fato de que, se fossem incluídos todos os informantes da amostra na rodada estatística, a aplicação de *ingliding* não configuraria variação, visto que contaria com menos de 5% de aplicação total. Por fatos como esse, o processo requer ser estudado em outra perspectiva, como a estilística.

5.1.3.2 Variável tipo de sílaba

A variável *tipo de sílaba* também foi selecionada como estatisticamente relevante na análise de regra variável do processo de *ingliding*. Os resultados para esse grupo de fatores estão expressos na Tabela 5.

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
Aberta <i>vozes</i>	109/778	14%	0,62
Fechada <i>detesto</i>	14/514	3%	0,38
TOTAL	123/1292	9,5%	

Input: 0,04
Significância: 0,001

Tabela 5 – Resultados da análise de regra variável para a variável *tipo de sílaba*

Enquanto a sílaba fechada, que possui 3% de proporção de aplicação e peso relativo de 0,38, apresenta-se como fator desfavorecedor para aplicação do processo, a sílaba aberta, com 14% de proporção de aplicação e peso relativo de 0,62, é fator favorecedor da aplicação de *ingliding*. O número bruto de ocorrências evidencia a diferença que o tipo de sílaba exerce: das 123 ocorrências em que se percebeu *ingliding*, 109 se deram em sílabas abertas, e apenas 14 em sílabas fechadas.

A explicação para esse resultado pode estar relacionada ao tempo fonético disponível para aplicação do processo de *ingliding* e à estrutura das sílabas abertas. Como o processo de

ingliding é a soma do aumento de duração vocálica com a centralização da vogal, a sílaba aberta, sem coda, apresenta posição disponível para preenchimento com o vocoide que emerge.

No *Dicionário de Fonética e Fonologia*, Silva (2011) dedica uma entrada ao *alongamento em sílaba aberta*:

Alongamento em sílaba aberta *open syllable lengthening* fenômeno fonológico em que uma vogal é alongada quando ocorre em sílaba aberta. Por exemplo, há o alongamento da vogal inicial da palavra *afta* quando ocorre a epêntese, ou inserção da vogal [i] entre as consoantes ft: [‘afita]. Por outro lado, se a epêntese não ocorrer a vogal inicial da palavra *afta* não é alongada por se encontrar em uma sílaba travada: [‘afta].

(SILVA, 2011, p.54)

O exemplo acima mostra que o alongamento de um segmento depende do tipo de sílaba em questão. Por esse motivo, ao desfavorecer o alongamento vocálico, conseqüentemente as sílabas travadas⁴² desfavorecem aplicação de *ingliding*, processo que aumenta o esforço articulatorio sobre a vogal em que recai.

5.1.3.3 Variáveis contexto fonológico seguinte e posição do acento na palavra

As variáveis *contexto fonológico seguinte* e *posição do acento na palavra* não foram selecionadas como significativas para aplicação de *ingliding* pelo programa estatístico. Por esse motivo, os resultados que se reproduzem abaixo incluem somente a aplicação bruta em número de ocorrências e proporção total de aplicação.

A Tabela 6 mostra resultados do grupo de fatores *contexto fonológico seguinte* após amalgamação. Por se tratarem de dados de uma única entrevista, a amalgamação de alguns fatores faz-se necessária para que se evite um número muito desequilibrado de dados para cada fator. Nota-se que, mesmo após amalgamação, o fator *lateral* continua a ter um número muito menor de ocorrências se comparado aos demais fatores.

O maior número de ocorrência de *ingliding* se deu antes de *pausa*, *tepe*, e nas obstruintes: *oclusiva* e *fricativa*. A maior ocorrência em contexto antes de pausa pode ter bastante influência das emissões de “*nê*”, pergunta final de confirmação frequente em português brasileiro que apresentou, nos dados da informante analisada, aplicação expressiva do processo de *ingliding*.

⁴² Este trabalho deixa em aberto a questão referente ao resultado do *ingliding* e estrutura silábica, se o *glide* ocupará coda ou se formará núcleo complexo.

	Ocorrência	Proporção
Pausa <i>vó</i>	52/262	20%
Tepe <i>fora</i>	21/133	16%
Oclusiva <i>época</i>	18/138	13%
Fricativa <i>jovem</i>	23/244	9%
Lateral <i>dela</i>	3/38	8%
Nasal <i>sofrendo</i>	5/365	1%
Glide <i>dói</i>	1/112	1%
TOTAL	123/1292	9,5%

Tabela 6 – Resultados de ocorrência e proporção de aplicação para a variável *contexto fonológico seguinte*

A não seleção dessa variável como condicionadora do processo de *ingliding* vai ao encontro das primeiras análises do processo, que o diferenciam do conceito de ditongos *falsos* (BISOL 1989, 1994, 2012) justamente por não resultar de assimilação de traço do som seguinte. Assim sendo, o fato de o *contexto fonológico seguinte* não ter papel reforça a escolha de nomenclatura utilizada para o processo como maneira de diferenciá-lo da ditongação não só porque há criação de um *glide* central, mas também por ser um processo intrínseco ao fone vocálico não resultante de coarticulação (CLEMENTS e HERTZ, 1996).

A Tabela 7 traz resultados da variável *posição do acento na palavra*.

	Ocorrência	Proporção
Proparoxítono <i>próximo</i>	12/49	24%
Monossílabo T. <i>né</i>	48/258	19%
Paroxítono <i>história</i>	56/763	7%
Oxítono <i>até</i>	7/222	3%
TOTAL	123/1292	9,5%

Tabela 7 – Resultados de ocorrência e proporção de aplicação para a variável *posição do acento na palavra*

Em relação à *posição do acento na palavra*, observa-se maior proporção de aplicação nas palavras *proparoxítonas*, palavras de acento marcado em português brasileiro. Em números brutos de ocorrências, observa-se, como se espera, menor número de ocorrências de *proparoxítonas* no *corpus* investigado. A proporção de aplicação em *monossílabos tônicos*, alta em relação aos demais fatores, também se deve em grande parte à emissão frequente de “*nê*” no falar da informante analisada. A menor proporção de aplicação se dá nos vocábulos *oxítonos*.

A não seleção desse grupo de fatores como significativo mostra que o *ingliding*, processo que ocorre apenas em sílabas tônicas, parece não ser condicionado pela posição do acento no item lexical, mas estar associado, como se observou, à proeminência prosódica. Análises com *corpus* ampliados que considerem os fatores aqui analisados podem fortalecer ou sugerir novos caminhos para as explicações sugeridas.

5.2 Análise de Conteúdo

A análise qualitativa de conteúdo teve como foco a identificação do estilo da informante nº8, de cuja entrevista levantaram-se os dados submetidos a análise de regra variável. O estilo foi depreendido tanto por seus comportamentos e atitudes quanto por gostos pessoais e posições ideológicas, declarados ou inferidos do dito. Partiu-se do princípio de que os movimentos estilísticos são sempre associados a questões ideológicas salientes (ECKERT, 2008). Antes de passar à análise do conteúdo da entrevista da informante nº8, é interessante que se faça menção à informante nº2 que, embora tenha apresentado algumas realizações com *ingliding*, não possui o falar significativamente marcado pelo processo.

Uma importante diferença entre as informantes diz respeito a suas práticas diárias. Enquanto a informante nº2, professora das séries iniciais, dedica seu tempo livre ao filho, procurando por programas que o agradem, a informante nº8, estudante, por não ter filhos, acaba tendo mais tempo livre para si.

Tudo que eu posso fazer com ele [filho] no final de semana que eu *tô* com ele, eu procuro fazer. Mas no final de semana que eu não *tô* com ele, eu não vou mentir pra vocês, eu gosto muito de estar dentro de casa. [...] Eu gosto muito de ficar dentro de casa, descansar um pouquinho.

(Informante nº2)

Tenho um grupo de amigos mais próximos, amigas da minha geração, da minha idade, que são amigas há muitos anos... Que é a turma com quem eu me relaciono, saio... Vamos jantar, vamos sair, vamos fazer essas coisas. Mas me dou bem normal, assim, eu não sou socada dentro de casa, mas também não *tô* na rua o tempo inteiro. A minha idade já não é mais... Não tenho mais tanta vontade de *tá* na rua também.

(Informante nº8)

Os trechos acima dizem respeito ao que as informantes fazem e gostam de fazer em momentos de lazer. Percebe-se que, apesar de ambas gostarem de ficar em casa, a informante nº8 demonstra sair de casa (para encontrar-se com as amigas ou viajar) com mais frequência do que a informante nº2. Isso se reflete em outras atitudes, como suas práticas rotineiras. Enquanto a informante nº2 gosta de cozinhar e o faz com frequência, além de se dedicar a outros afazeres domésticos para si e para o filho, a informante nº8, que mora com os pais, não gosta e afirma não saber cozinhar, sai com as amigas, muitas vezes com o propósito de jantar.

Embora seja moradora da zona sul, a informante nº8 afirma ser apaixonada pela zona central e transitar com frequência nessa zona em momentos de lazer. A informante afirma gostar do bairro em que mora mas, ao mesmo tempo, ressentir-se por ele ser afastado da “vida cultural de Porto Alegre”, que atribui às áreas mais centrais. O trecho a seguir exemplifica a atitude positiva da informante em relação ao centro da cidade:

Eu gosto muito do centro, eu realmente tenho paixão. Eu adoro o Mercado, eu adoro a Praça da Alfândega, eu adoro a Praça da Matriz... Eu adoro andar pelas ruazinhas ali... O espaço aquele da Fernando Machado, dos antiquários... Tenho paixão. Os bares que tem lá, eu gosto muito. Tenho loucuras pelo centro.

(Informante nº8)

Esses resultados vão ao encontro das hipóteses que resultaram do estudo de percepção e atitudes (OLIVEIRA, 2015), que mostrou que o falar com *ingliding* é percebido como característico da zona central e de regiões com bons índices econômicos. A informante nº8 circula na região central, é de classe social alta, tem acesso e interesse pela programação cultural dessa zona da cidade. Isso alimenta a ideia de haver um perfil de pessoas cujo falar é marcado por *ingliding*, perfil esse em que classe social tenha papel relevante, com suas práticas sociais peculiares.

Em uma cidade como Porto Alegre, que apresenta altos níveis de desigualdade econômica associados a região geográfica e cuja zona central não é nem mesmo localizada no centro geográfico do território, a circulação na zona central por pessoas que moram em regiões periféricas acaba sendo reduzida, não só pela falta de necessidade, como pelo limitado poder aquisitivo, que dificulta a mobilidade e circulação dos habitantes da cidade. Ipanema, mesmo que se localize na zona sul, não é tão afastada da zona central como bairros do extremo sul da cidade, por exemplo.

Um exemplo do quão desconhecida pode ser a zona central da cidade, mesmo para habitantes de Porto Alegre, pode ser encontrado em notícia do Diário Gaúcho, de outubro de 2015, redigida por Jeniffer Gularte⁴³. Abaixo, reproduzem-se alguns trechos da notícia:

A dona de casa Deli de Castro Bittencourt, 70 anos, nunca tomou chimarrão na Redenção nem viu o pôr do sol da Usina do Gasômetro. Há 50 anos vivendo na Capital, ela poucas vezes saiu do eixo entre os Bairros Sarandi e Rubem Berta, na Zona Norte, e sua noção de Centro de Porto Alegre não vai muito além das paredes do Mercado Público, onde vai para comprar seus panos de prato.

[...]

Natural de Cachoeira do Sul, no Centro do Estado, Deli morou no Bairro Sarandi e há 42 vive no Rubem Berta, mas só ontem conheceu uma Porto Alegre que até então via apenas pela tevê.

— Ver ao vivo é muito melhor. Vou ficar muito tempo lembrando de cada cena desse trajeto. Essa natureza é tão maravilhosa. É uma Porto Alegre diferente. Me apaixonei por tudo, me apaixonei de novo por uma cidade que me acolheu tão bem.

[...]

Mãe de quatro filhos – Valério, 50 anos, Jacson, 48, Flavia, 40, e Alexandra, 33 –, admite que não conhece a cidade por falta de oportunidade e comodismo.

— A gente conhece só nosso cantinho, nossa rota, da casa para o mercado. Resolvo todas as minhas coisas pela Assis Brasil, nunca saio desse trajeto. Se vou para o Centro, não passo do Mercado Público, não conheço nada.

O relato trazido na notícia mostra que, embora o centro da cidade figure constantemente na mídia e no imaginário das pessoas como referência quando se pensa em Porto Alegre, moradores de regiões periféricas, seja por comodismo ou falta de oportunidade, acabam por não conhecer os pontos turísticos recorrentes nos postais da cidade. A moradora da zona norte referida na notícia acaba por mencionar que a zona central se constitui como “uma Porto Alegre diferente”, o que mostra que suas referências da cidade não são aquelas divulgadas na televisão, mas limitam-se à zona norte, região em que mora e faz a maioria de suas atividades diárias.

Os dados de aplicação de *ingliding* têm ressaltado a diferença entre aquilo que figura no imaginário das pessoas e o que realmente define a cidade. Em termos absolutos, o *ingliding* não é definidor do falar porto-alegrense, pois não se configura como um processo de alta taxa de aplicação. Mas sua natureza e relação com identidade social faz com que o processo, mesmo tendo baixo número de ocorrências, seja associado ao falar de Porto Alegre. Relaciona-se à cidade de maneira estereotipada em grande parte por figurar nas mídias, como a televisão. Nessas mídias, o falar percebido como marca definidora pode ser empregado como maneira de demonstração de orgulho de morar na cidade.

⁴³ A notícia relata as impressões de Deli Bittencourt em seu passeio na Linha Turismo, ônibus de Porto Alegre destinado a visitação de pontos turísticos. Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/10/dona-deli-mora-ha-50-anos-na-capital-e-so-agora-conheceu-os-pontos-turisticos-veja-como-foi-4860711.html> (Acesso em 07/06/2016).

Mas se a percepção dos porto-alegrenses relaciona esse falar à zona central e principalmente ao bairro Bom Fim, bem como às características pessoais *descontraído*, *descolado*, *desencanado* e *preguiçoso*, a ponto de, em dado momento, ter-se criado um personagem prototípico, em programa de humor, associado a esses traços (Magro do Bonfa), espera-se que essas características estejam, de alguma maneira, associadas ao *ingliding*. Nesse sentido, o estudo através da perspectiva estilística visa a encontrar em que medida esses traços percebidos podem estar associados ao falar com *ingliding* e que tipo de ressignificações sociais sofrem os traços e a própria variável.

5.2.1 O *ingliding* e a construção de estilo

Tratar uma variável linguística a partir da perspectiva estilística é admitir, em primeiro lugar, que ela não possui apenas um significado social associado a si, mas vários. Esses significados podem ser representados por meio de campos indexicais (ECKERT, 2008) fluidos, que contam com características sujeitas a reinterpretação a cada uso da língua. As respostas a questionários de percepção e atitudes possibilitaram a construção do campo indexical da Figura 7 (página 42), que reúne significados potenciais que podem ser associados à variante com *ingliding*. Ao considerar o *ingliding* como *índice de segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003), recurso para construção de estilo, acredita-se que o uso da variável esteja associado a movimentos ideológicos que podem, como se busca investigar, adequar-se ao que se percebe e ao que se pretende alcançar com o uso do traço linguístico, isto é, às expectativas dos interlocutores, ou ressignificar os elementos que constituem sua constelação de significados potenciais.

As características *descontraído*, *descolado*, *desencanado* e *preguiçoso* estão intimamente associadas à *persona* típica criada pelo jovem morador do Bom Fim, frequentador da região que foi palco da transformação de comportamento pós ditadura, desencadeadora do movimento jovem dos anos 1980. O jovem desse movimento favorável à igualdade de direitos e liberdade de expressão indexa tais características enquanto constrói um estilo reivindicador, inovador e despojado, marcado como contrário ao conservadorismo e à repressão da época. Tais marcas são encontradas em posições político-ideológicas da informante nº8. Um exemplo disso tem a ver com seu posicionamento em relação à descriminalização do uso das drogas:

Sou totalmente a favor. Não sou usuária de drogas não legalizadas. Eu sou usuária de drogas, eu acho que é isso que tá faltando as pessoas entenderem. Eu uso drogas. Eu tomo aspirina quando eu tenho dor de cabeça, eu tomo espumante quando eu quero me divertir, e eu até fumo um cigarro eventualmente quando eu tô bebendo, né. [...]

No momento em que tu consegue cobrar impostos e fazer com que essa coisa entre num esquema regular de distribuição, *né*, de consumo, é mais fácil de tu ter um retorno, então, pra poder suprir. [...] Então eu sou a favor e eu sou bem radical, eu sou a favor de todas. Não é: ‘Ah! Legaliza só essa!’ Não, tudo! Se o álcool e o tabaco estão legalizados, eu não sei o que que pode ser pior que isso que não possa estar legalizado.

(Informante nº8)

O posicionamento favorável à legalização das drogas, descrito pela própria informante como um posicionamento “radical”, adequa-se às reivindicações do jovem dos anos 1980 cuja *persona* está atrelada ao uso de *ingliding*. O uso de drogas não legalizadas, como a maconha, é frequentemente descrito como prática da época, que servia como afronta ao sistema, transgressão e reivindicação pela legalização de seu uso.

O posicionamento político-ideológico da informante nº8 também parece estar sintonizado com as reivindicações da época. Ao ser perguntada sobre o que achava dos políticos brasileiros em geral, a informante respondeu da seguinte forma:

A política é um reflexo da extrema confusão ideológica que existe nesse país, *né*. Então eu não vejo como, com o Brasil sendo como o Brasil é, que o seu político seria algo diferente. [...] Ele *tá* refletindo muito bem as relações de poder como elas se constituem dentro do país, *né*. É horrível, é *chorante*, eu *tô* enxergando, *assim*, uma falência total dum sistema que eu lutei muito. Gente, eu *tava* lá! Diretas já! Eu *tava* lá... fazendo passeata na rua, podendo correr risco. *Tá*... não ia fazer mais, já era fim da ditadura. Mas eu fui, foi muito lindo pra mim. Eu chorei bastante, vi gente desabando de chorar na primeira vez que se votou pra presidente depois de tantos anos, *né*. [...] E aí eu vejo que não funciona, porque continua a mesma coisa, *né*. [...] É difícil. Porque é essa questão: ninguém enxerga que a sociedade é estratificada, é desigual, e a solução que a pessoa individualmente enxerga pra escapar dessa desigualdade é chegar lá em cima e é se tornar elite. [...] Então a política, na verdade, pra mim, ela é *brasileiríssima*. Não é nada fora daqui.

(Informante nº8)

Em seu depoimento, a informante não apenas revela uma postura que problematiza o cenário político brasileiro atual, como afirma ter participado de maneira ativa do movimento em favor das eleições diretas no período de final de ditadura e vivenciado as primeiras eleições para presidente. Ao ser questionada sobre que político brasileiro lhe representava um bom exemplo, a informante evidencia mais sua posição política:

Existem alguns políticos que eu respeito bastante. *Tá*, eu respeito a nossa presidente [Dilma Rousseff], *tá*, eu gosto muito dela. Eu respeito... Eu vou dizer uma coisa, eu respeito o Lula imensamente, pela história do Lula. E eu acho que é isso que dói no calo, dói muito no calo dos ‘Fernando Henrique da vida: professor, doutor, laureado e *oscoizado* da vida, discurso maravilhoso’, que o Lula tenha sido presidente do país... *Twice*. *Tá*. Dói, dói. [...] Pode ser que tenha se envolvido em coisas, pode ser que não tenha, é difícil não se envolver quando *tá* lá. É horrível. [...] Mas é uma trajetória que eu admiro imensamente. Em plena ditadura militar, ele se levantar como sindicalista, construir um partido dito dos trabalhadores, quando até então o único partido que era aceito como oposição, que era o MDB, que virou o PMDB e o PSDB depois...

Também, são todos da mesma raiz desse partido que tá no governo desde sempre e que nunca saiu, esteve já junto com os milicos. O cara fez algo maravilhoso, pra mim é um exemplo, é um exemplo. Sinceramente, eu admiro muito, muito. Podem dizer o que quiser, a trajetória dele, pra mim, é algo fantástico.

(Informante nº8)

Percebe-se que a informante, ao se referir a líderes do partido dos trabalhadores (PT) e retomar, com admiração, a trajetória do ex-presidente Lula – que a iniciou como sindicalista no período da ditadura militar –, demonstra ser afiliada aos ideais de esquerda. Essa posição ideológica, favorável aos movimentos sociais, mostra identificação da informante com o movimento de que fez parte nos anos 1980, o que está de acordo com as expectativas sinalizadas pelos informantes ao se depararem com um falar caracterizado por *ingliding*. Além disso, olhar para a época em questão é um ato de reflexão da informante que, embora tenha vivenciado conquistas no cenário político, por vezes vê-se desacreditada no cenário atual – “E aí eu vejo que não funciona, porque continua a mesma coisa” –, e atribui a falência do sistema político à “extrema confusão ideológica” brasileira.

Tem-se, aí, uma ressignificação do estilo da informante ao longo dos anos, que passou por período de ativismo político e luta por conquistas sociais e hoje, ao refletir sobre as lutas do passado, desaponta-se ao perceber que a mudança não foi tão significativa quanto esperava-se, na época, que seria. Percebe-se que o passar dos anos e a evolução da cidade exercem influência na construção estilística da informante. Isso evidencia-se, também, nas mudanças percebidas na cidade ao longo do tempo:

Então era assim, era um lugar que não tinha carro circulando na rua. [...] Tu podia estender uma rede de vôlei dum lado ao outro da rua, e ela passava o dia inteiro ali, a gente só precisava tirar seis e meia da tarde, que é quando as pessoas começavam a chegar em casa e aí começavam a circular na rua. Mas fora isso, passava o dia inteiro ali e nós jogando vôlei no meio da rua. Hoje isso já não dá mais.

(Informante nº8)

No trecho acima, a informante relata as mudanças percebidas na estruturação do bairro em que sempre morou. O incremento populacional que Porto Alegre sofreu reflete-se no espaço urbano, bem como as grandes reformas urbanas que modificaram a cidade. A esse respeito, agora falando do centro da cidade, a informante diz:

[...] Aconteceu também em função desse plano diretor desastroso dos anos setenta, um pouquinho do de cinquenta e nove também, mas mais o dos anos setenta, é que o centro virou um grande corredor. E eu acho isso um crime pra um centro histórico. O centro é um lugar de ficar. Ele é uma referência identitária. É um lugar onde a cidade se constituiu, começou e se integra ali. [...] O nosso centro virou um corredor. Então tem aquele bando de gente correndo pra lá e pra cá pra pegar um ônibus de um lugar pra outro lugar, que é algo terrível, terrível. Poluidor. É extremamente poluído. Porque é muito ônibus circulando. [...] Porque ao fazer, ao virar um corredor. Primeiro, tu não tem como andar como eu gosto de andar no centro, olhando pra cima [e ver as coisas]

quando eu *tô* numa cidade... Olhando a cidade. Não dá, porque alguém vai bater em ti, vai te xingar, vão levar tua bolsa, tem uma série de coisas. Então tu também acaba tendo um passo de corredor quando tu *tá* no centro, e é muito triste isso, porque existem coisas maravilhosas, maravilhosas mesmo. Mesmo as coisas ruins são maravilhosas, porque são parte da nossa história, *né*.

(Informante nº8)

Ao falar sobre as mudanças percebidas no centro e atribuir, em parte, a descaracterização do centro ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, a informante se ressentida pela superlotação e falta de preservação do Centro Histórico de Porto Alegre. O fato de considerá-lo como referência identitária, somado ao fato de que a informante é frequentadora dessa região e fez parte do movimento jovem dos anos 1980, faz com que sua construção estilística esteja associada a tais fatores. O falar com *ingliding* tem, no estilo da informante, parte integral do seu significado social. Nesse sentido, mais do que apenas indexar categorias macrossociais, o *ingliding* associa-se às posições ideológicas da informante, que, por sua vez, sofrem influência dos grupos sociais de que ela faz parte: essa soma de elementos constitui sua identidade social.

No caso da informante nº8, suas afirmações sobre suas vivências em Porto Alegre mostram que suas atitudes estão em sintonia com as atitudes daqueles que participaram do movimento dos anos 1980, como se poderia esperar. Em suma, a informante nº8 é um exemplo de que a percepção dos porto-alegrenses de que os indivíduos que produzem vogais com *ingliding* são associados à *zona central*, *bairro Bom Fim*, além de serem *descontraídos*, *descolados* e *desencanados* não é fortuita: tem origem histórica definida e reflexos na identidade dos usuários da variante. É atrelado a esses valores que o *ingliding* é um dos elementos que contribui para a construção da identidade social da informante que, se é constituída a partir de seu *eu*, não deixa de ser uma espécie de criação de *persona*: externa, para os outros.

A característica *preguiçosa* não parece se adequar às práticas da informante nº8. O termo pode associar-se ao falar com *ingliding* por ter relação com a vida levada pelos jovens da época, mais preocupados com movimentos culturais do que com trabalho e estudo, e também carregar certa concepção de que a criação artística não é propriamente um trabalho, o que faz com que esses jovens inovadores do meio cultural sejam percebidos como preguiçosos. A informante nº8 não se adequa a esse estereótipo, já que revela preocupação com educação formal de nível superior. Tendo passado por três cursos de nível superior, ela demonstra não só dedicação e interesse nos estudos, como uma trajetória que envolve trabalho em diferentes áreas:

Eu fiz muitos anos de Arquitetura e, muito embora não tenha concluído, eu trabalhei na área bastante tempo, *né*. Primeiro com escritório de Arquitetura, depois fazendo, principalmente, a parte de interiores, que não exige o título, *né*, ainda. E depois trabalhei com *design* gráfico por aí acho que uns quase dez anos.

(Informante nº8)

A postura da informante frente a trabalho e estudo sugere ressignificação do campo indexical proposto na Figura 7, em que, embora reconheçam-se os outros elementos, a característica *preguiçoso* não consta na construção de estilo da informante. Essa ressignificação cria um outro conjunto de significados sociais potenciais sobre o *ingliding* que inclui estilo de vida e posições ideológicas não conservadoras e está atrelado de maneira favorável a movimentos sociais e artísticos, mas que não está ligado necessariamente a uma concepção de vida desvinculada de trabalho e estudo formal. Isso ilustra o processo de reinterpretação a que os campos indexicais estão sujeitos: a valoração de *ingliding* conforme a Figura 7 cria um quadro de expectativas a respeito do estilo da informante que o produz; se o estilo se adequa às expectativas gerais e, num processo de *bricolagem*, modifica alguns aspectos, tem-se um campo indexical novo, reinterpretado, que afetará tanto a informante quanto as comunidades de prática de que faz parte, bem como os sujeitos que com ela fizerem contato.

A variante com *ingliding* parece usufruir de prestígio no meio cultural e, se figura no imaginário social do Rio Grande do Sul como elemento de contraste entre capital e interior, dentro da cidade pode ter influência sobre os estilos de vida rural e urbano. O trecho a seguir ilustra essa possibilidade:

Porto Alegre é uma cidade que tem problema de identidade bastante sério, do meu ponto de vista, *né*. Por quê? Porque ela é a capital de um estado que, sei lá porque motivo, não vou entrar no mérito da questão, se acha essencialmente rural, *né*. A sua identidade é construída em cima de uma ideia de coronelismo lá do campo, do boi, coisa e tal. Só que [risos] é uma cidade que nunca foi isso. [...] Porto Alegre nunca foi isso, pelo contrário, foi um dos lugares que se manteve ao lado do império durante a revolução, aquela coisa toda. Então ela não é... E tá sendo enfiado goela abaixo. Então é um problema de identidade muito... Porque eu digo: ‘Ah! Eu sou gaudério!’ Mas nunca fui gaudério! Tu é essencialmente urbano.

(Informante nº8)

O tópico tratado nesse momento da entrevista dizia respeito a *cultura* e, como se percebe, motivou a informante a relatar seu incômodo com a recorrência da figura do *gaúcho* como definidora da identidade da cidade que, de acordo com ela, não teria suficiente fundamentação histórica e cultural. Esse trecho, somado ao conteúdo da entrevista em um todo, mostra que a informante age de maneira a distanciar-se do estilo de vida rural-conservador. Nesse sentido, se a presença de *ingliding* leva a crer que seu usuário é morador da capital, e não do interior do estado, ele diz respeito mais do que à simples pertença à cidade, mas também à identificação

com um modo de vida. Dentro de Porto Alegre, o uso de *ingliding* pela informante n°8 se vincula tanto à sua oposição à figura do gaúcho quanto à afirmação de um estilo de vida urbano-inovador.

Na sequência, a informante cita o personagem Magro do Bonfa como típico de uma época passada que os entrevistadores, por não terem vivenciado, talvez não conhecessem. Ao final da entrevista, quando questionada sobre o personagem, a informante n°8 explicou-o da seguinte maneira:

Na minha época de adolescente, quando eu tinha mais ou menos a idade de vocês⁴⁴, ou um pouco menos até, o grande... A CB⁴⁵ de Porto Alegre era o Bom Fim, tá... E existia, então, um grupo muito característico que é... Vocês já ouviram falar do Wander Wilder, vocês já ouviram falar. Então, Wander Wilder é o Magro do Bonfa típico, é o pessoal que frequentava a noite e fazia Ocidente, fazia outros bares que tinham por lá, que era uma penca, *assim*. [...] Tem aquela linguagem específica de grupo, *né*, então é uma gíria específica, é um jeito de falar específico, é um arrastar muito característico de Porto Alegre, mais arrastado e mais cantado ainda do que... A gente canta quando fala, e eles cantam mais ainda, é uma coisa incrível. E aí um humorista [...] criou a persona, a personagem o Magro do Bonfa, porque ele pegou todos os estereótipos daquela galera que se reunia na minha adolescência. Que seria mais ou menos se hoje um cara pegasse a galerinha da CB, o cara da CB, entende. [...] O Bonfa é o equivalente à CB, *né*. Então o Magro do Bonfa era esse pessoal que frequentava lá. A maioria deles, *assim*, era músicos, era mais forte o *rock and roll* na minha juventude, mais do que qualquer coisa. [...] Um *pop rock*, *assim*, *tava* nascendo. [...] Esse tipo de coisa a gente escutava, escutava muita música que vinha de fora, mas Porto Alegre tinha um cenário de *rock* bastante forte, *né*. Então a gente tinha Cascaveletes, TNT, *bah*, era muito, tinha muita banda de *rock* progressivo em Porto Alegre, bastante forte na época. E aí era esse pessoal, *assim*, meio *pop rock*, alternativo, que circulava pelo Bom Fim. Tinha ainda um pouco de *punk*, também, na época, *né*, bastante forte. E... e esse tipo de pessoa *assim*, um jeito de falar mais cantado, mais arrastado, com uma gíria bem específica, esse é o Magro do Bonfa [risos]. [...] É muito parecido com o que é hoje a CB, só que o tipo de música é diferente, o tipo de interesse é diferente. [...] A preocupação era outra na nossa época. Era uma preocupação de se levantar. [...] De repente nós tínhamos voz, tinha acabado a ditadura, *né*, então, de repente, a gente podia fazer, *tá* na noite, se reunir dez, vinte, tomar trago na noite, cair bêbado na sarjeta que não ia dar nada. Podia, o que antes não podia, *né*. [...] Na nossa época, eram outras questões, *né*, ainda era bastante heterossexual, branco, classe média. Mas era ainda a questão de: estamos podendo, estamos tendo voz como jovem, *né*, coisa que a geração da minha mãe já não teve, porque foi sufocada em plena adolescência com a ditadura militar. Então, de repente, surgiu, nós podíamos falar, podíamos berrar, podíamos cantar, podíamos fazer... Então a gente fez coisas que vocês nem imaginam [risos]. Nós fomos muito piores do que vocês são hoje, e isso é uma coisa que as pessoas também não enxergam. A falta de memória do adulto é dolorosa, porque nós fomos muito, muito piores. Muito. Vocês são maravilhosos, uns anjinhos, perto do que a gente foi. Nós somos sobreviventes, de repente, desse afã de liberdade que surgiu nos anos oitenta, *né*. O adolescente dos anos oitenta é um adolescente extremamente louco. Louco, louco, louco.

(Informante n°8)

⁴⁴ As entrevistas da amostra piloto foram realizadas por mim e por Viviane Moras. Nossas idades quando da realização desta entrevista eram, respectivamente, 21 e 20 anos de idade.

⁴⁵ Cidade Baixa, bairro da zona central de Porto Alegre.

Nota-se que as memórias da informante nº8 que, ao descrever o personagem Magro do Bonfa, acaba descrevendo a época em si, estão extremamente relacionadas aos relatos presentes no filme-documentário *Filme Sobre Um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015). A descrição da informante revela que a mesma se inclui como parte do movimento dos anos 1980, este explicado pelo viés de seu caráter de resposta à repressão da ditadura militar: era composto principalmente por jovens que, de repente, viam-se livres para experimentar (tudo aquilo que antes não podiam), para transgredir e para exceder.

Mesmo o uso de *ingliding*, nesse aspecto, configura-se linguisticamente como uma forma de exceder, visto que há o surgimento de um *glide* central, resultado de aumento de esforço articulatorio, que acaba sendo percebido como uma ditongação inovadora cujo elemento final soa como ‘A’. Tendo ou não influência do falar dos cariocas que serviram de inspiração para criações artísticas em Porto Alegre, o fato é que o *ingliding*, nos falantes até então analisados nesse estudo, ocorre associado a um perfil social peculiar de pessoas que vivenciaram o período de efervescência cultural aqui referido.

Se o uso da marca de *ingliding* é consciente ou não, não há como afirmar ainda, embora pareça, se não inconsciente, tácito. Por esse motivo, o conceito de Silverstein (2003) de *índice de segunda ordem* parece mais vantajoso do que o de *marcador* de Labov (2008 [1972]), cuja definição recai sobre o nível de consciência em relação às formas. De uso consciente ou não, o processo recebe atenção suficiente para que tenha avaliação social, mesmo que ela não seja, entre os porto-alegrenses, explicitamente marcada, mas implícita, como se observou nos testes de avaliação subjetiva.

Se nossa falante prototípica pode apresentar mais consciência sobre o uso do *ingliding* de maneira a, propositalmente, marcar-se na mídia na constituição de sua *persona* como comunicadora de rádio, o mesmo não necessariamente ocorre com a informante nº8, que não é pessoa pública. Por outro lado, a informante reconhece o “arrastado” e o “cantado” do falar do jovem típico como um excesso de um traço que assume ter: “a gente canta quando fala, e eles cantam mais ainda”. Assumir que “canta quando fala” pode ser reflexo de ter tido seu falar imitado ou referido por alguém, mas pode também significar que, embora acredite que não “cante” tanto quanto o personagem caricato do Magro do Bonfa, a informante tenha alguma consciência sobre a presença desse traço em seu falar.

A informante viveu o movimento cultural do Bom Fim nos anos 1980, mas não se apresenta, hoje, como *persona* prototípica, representante desse movimento tal qual o Magro do Bonfa. É por isso que o termo *reconstrução* ou *ressignificação* do campo indexical parece adequado neste caso: embora não aja da mesma forma, não use as mesmas roupas e não se valha

das mesmas práticas sociais da época de adolescente, os resultados dessa época vivida conservam traços em sua identidade social que são, hoje, reinterpretados. É o resultado dessa interpretação que compõe o estilo de jovens que porventura tenham, hoje, sua fala marcada por *ingliding*, mesmo que não tenham vivenciado os anos 1980. Para eles, o *ingliding* terá significados renovados conforme seu uso por falantes porto-alegrenses ao longo do tempo.

Para a informante n°8, que foi adolescente dos anos 1980, resta, do “afã de liberdade” vivido nesse período, o posicionamento ideológico crítico, não conservador, em favor dos movimentos sociais e da *liberdade*, elemento que talvez deva figurar no centro do campo indexical, já que resume as motivações do movimento jovem e os traços que deixa em muitos daqueles que fizeram parte desse momento histórico. Resta também, associada a isso, aplicação de *ingliding* em algumas de suas vogais em sílabas tônicas. O *ingliding*, reinterpretado, compõe o estilo de falante – enquanto categoria identitária – com determinada carga de significado que faz com que o seu uso seja mais do que ato de demonstração de pertença à Porto Alegre e a determinados grupos sociais, mas também indicação sobre o que a usuária da variante acredita que um porto-alegrense é.

6 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo cumprem o papel de reforçar as hipóteses de pesquisa e lançar luz às etapas futuras da investigação, que contará com ampliação do *corpus* do LínguaPOA. Tanto a análise de regra variável quanto a análise de conteúdo aqui utilizadas tiveram resultados de papel importante não para a formulação de generalizações, mas para o desenho de uma análise ainda pioneira, visto que, por ausência de estudo prévio da variável em questão, as bases de estudo estão sendo construídas a cada etapa da pesquisa em desenvolvimento.

Em termos linguísticos, o principal avanço diz respeito a uma maior delimitação dos condicionamentos do processo de *ingliding*: a organização prosódica da língua e os grupos de fatores *vogal nuclear* e *tipo de sílaba*. A variável em questão parece configurar variação estável, não sendo resultado de assimilação do som seguinte e, sim, constituindo-se como efeito de marcação, nos dados analisados, de frase entoacional. O processo é favorecido por vogais médias baixas /ε, ɔ/, aquelas que estão articulatoriamente mais próximas do *glide* central que surge dessas realizações, e por sílaba aberta, elemento sujeito a alongamento vocálico, fator que, aliado a centralização, parece ser condição para existência do *ingliding*.

Em termos sociais, o perfil que pode vir a ser verificado como favorecedor do processo incluiria, provavelmente, as características: sexo feminino, segunda faixa etária, classe social alta, associação à vida cultural da zona central da cidade. Como a limitação da análise impediu a testagem de fatores sociais que, de qualquer modo, estaria condicionada ao baixo número de informantes da amostra, a análise dos perfis sociais foi qualitativa. A recorrência do perfil social descrito como provável favorecedor não parece ser fortuita, mas ainda merece testagem em análise quantitativa com uma amostra maior.

Do ponto de vista da construção de *estilo*, a localização do *ingliding* nas identidades sociais vinculadas às reivindicações e à ideologia do movimento jovem ocorrido no Bom Fim nos anos 1980 integra a construção dos significados sociais. Estes associam-se às expectativas do estudo de percepção e atitudes, mas são reinterpretados: do afã de liberdade surgido na época dos anos 1980, permanece, na informante analisada, o caráter crítico, urbano, de inovação cultural e de busca por liberdade de direitos atrelada a movimentos sociais a que os significados *descontraído*, *desencanado* e *descolado* se associam.

A mídia televisiva e de rádio de Porto Alegre é, em sua maioria, composta por profissionais de destaque cujo perfil social parece favorecer a aplicação de *ingliding*: frequentadores da zona central atrelados ao meio cultural. Considerando o papel da mídia enquanto mediadora da construção de sentidos daquilo que fica marcado no imaginário social

dos consumidores, entende-se o motivo pelo qual o *ingliding*, mesmo que ocorra pouco, de modo geral, na cidade, acabe por ser alvo de avaliação social e seja associado aos porto-alegrenses como um todo, principalmente por indivíduos não pertencentes à comunidade de fala de Porto Alegre. A mídia, nesse sentido, tem papel de reforçar determinados elementos simbólicos, como o falar com *ingliding*.

Por ser índice de segunda ordem, os valores atribuídos ao *ingliding* estão potencialmente sujeitos a reinterpretação a cada novo uso da língua. Esse processo de ressignificação tem a ver com a construção identitária daquilo que os usuários de *ingliding* atribuem a *ser* porto-alegrense, o que vai além da concepção de estilo somente como pertença à comunidade, mas associa-se com a herança que se tem do movimento artístico-cultural que, embora tenha ocorrido principalmente no Bom Fim nos anos 1980, pode ter influenciado a construção estilística de pessoas de diferentes regiões da cidade. Se as pessoas, por meio da língua e outros elementos, não só refletem como constroem o social, o uso de um traço percebido como típico do porto-alegrense tem o poder de construir um estilo que o define enquanto tal.

7 REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.; PAGOTTO, E. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (Orgs.) *Gramática do português falado*. V. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.
- AYZEN, I. *Attitudes, Personality and Behavior*. Milton Keynes: Open University Press, 1988.
- BATTISTI, E. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): Ditongação ou ingliding? *Fragmentum*, n.39, p.58-76, 2013.
- _____. O Português Falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística. In: BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.9-18, 2014a.
- _____. Palatalização de T e D. In: BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p.105-120, 2014b.
- BATTISTI E; OLIVEIRA, S. Alongamento e Ingliding de Vogais em Sílabas Tônicas no Português Falado em Porto Alegre (RS). *Revista (Con) Textos Linguísticos*, n.11, v.8, p.39-56. Vitória, 2014.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v.5, n.2, p. 186-224, 1989.
- _____. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v.10, n. Especial, p. 123-140, 1994.
- _____. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, S-H. (Org.) *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 57-65, 2012.
- BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 5.3.51, 2013. Disponível em: <<http://www.praat.org/>> (Acesso em 07/06/2016).
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (Orgs.) *Gramática do português falado*. V. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2012.
- CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA, SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA, PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *Breve história de Porto Alegre*. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_de_porto_alegre.pdf> (Acesso em 07/06/2016).

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CLEMENTS, G.; HERTZ, S. R. An integrated approach to phonology and phonetics. In: DURAND, J.; LAKS, B. (Eds.) *Current trends in phonology*. Salford, Reino Unido: University of Salford Publications, 1996.

COELHO, I. *et al. Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf> (Acesso em 07/06/2016).

COLLISCHONN, G. Vocalização de L. In: BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.89-104, 2014.

CONNER, M. *et al.* Relations between Implicit and Explicit Measures of Attitudes and Measures of Behavior: Evidence of Moderation by Individual Difference Variables. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33/12, p.1727-1740, 2007.

DEPREZ, K; PERSOONS, Y. Attitude. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHEIER, K. (Ed.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: De Gruyter, v.1, p.125-132, 1987.

DONEGAN, P. *On the natural phonology of vowels*. PhD Dissertation. Graduate School of the Ohio State University, 1978.

ECKERT, P. *Constructing meaning in sociolinguistic variation*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Anthropological Association. New Orleans, 2002.

_____. *Variation, convention, and social meaning*. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, CA, 2005. Disponível em: <<http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>> (Acesso em 07/06/2016).

_____. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*. 12/4, p. 453-476, Blackwell Publishing Ltd. 2008.

_____. *Three Waves of Variation Study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. Stanford University, 2009. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>> (Acesso em 07/06/2016).

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Lisboa, 1998.

_____. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

GILES, H. Evaluative reactions to accents. *Educational Review*, 22:3, p.211-227, 1970.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JACKS, N.; MORIGI, V. Mapas imaginários sobre Porto Alegre: a cidade midiática. *Em Questão, Porto Alegre*. V. 16, N. especial, p.29-41. Porto Alegre, 2010.
- JOHNSON, D. *RBrul version*. 2.3.2. 2016.
- JOHNSON, K. *Acoustic and auditory phonetics*. 3.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- KAMIANECKY, F. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras. Porto Alegre: PUCRS, 2002.
- KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 121-137, 2011.
- LABELLE, S. Language and identity. In: MONNEY, A et al. *Language, society & power: An introduction*. 3.ed. London/New York: Routledge, 2011.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].
- LADD, D.R. *Intonational phonology*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LAMBERT, W., HODSON, R., GARDNER, R. & FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44–51, 1960.
- LASAGABASTER, D. Attitude. In: AMMON, U. et al. (Ed.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. Ed. Berlin/New York: De Gruyter, v.1. p.399-405, 2004.
- MANGABEIRA, A. *Participação, identidade e variação na EJA: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- MELLO, H. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.173-185.
- MIGOTTO, B. *Filme Sobre um Bom Fim*. [Filme-vídeo]. Roteiro e Direção de Boca Migotto. DVD / NTSC, 88min. Porto Alegre, 2015.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- MONARETTO, V. Realizações de R. In: BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.121-132, 2014.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE (ObservaPOA). Disponível em: <portoalegreemanalise.procempa.com.br/?analises=9_159_0> (Acesso em 07/06/2016).

OLIVEIRA, S. O estereótipo do falar porto-alegrense: percepções e atitudes sobre o falar com ingliding e alongamento vocálico. *XIV Fórum FAPA: Caderno de Resumos*. Porto Alegre, p. 18, 2015.

OUSHIRO, L; MENDES, R. Sali[ẽ]cia social e mudança linguística: a ditongação do /e/ nasal no português paulistano. *Revista do GEL*, v.11, n.2, p.9-46. São Paulo, 2014.

OUSHIRO, L. *Identidade na Pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística. São Paulo: USP, 2015.

PRESTON, D. *Perceptual Dialectology: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics*. Dordrecht – Holanda/Providence: Foris Publications, 1989.

QUASTHOFF, U. Linguistic Prejudice/Stereotypes. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHEIER, K. (Ed.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: De Gruyter, v.1, p.785-800, 1987.

QUEDNAU, L. A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise vaciacionista e representação não linear. In: LEFFA, V. (Ed.) *TELA – Textos em Linguística Aplicada*. Pelotas: Educat, 2000.

ROSA, R. *A comunidade de fala de Porto Alegre no Estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SERRA, C. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2006.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo: UNICAMP, 2002.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Anexo 2: Ficha de Entrevista

FICHA DE ENTREVISTA	
Entrevistador:	Data: ___ / ___ / _____
Identificação	
1. Nome:	
2. Endereço (rua, nº, bairro, zona):	
3. Sexo/Gênero:	
4. Data de nascimento:	
5. Orientação sexual:	
6. Estado civil:	
7. Etnia:	
8. Escolaridade (assinalar se completo ou em curso):	
<input type="checkbox"/> Nenhuma	
<input type="checkbox"/> 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental / Primário	
<input type="checkbox"/> 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental / Colegial	
<input type="checkbox"/> Ensino Médio / Ginásio	
<input type="checkbox"/> Ensino Superior / Faculdade	
9. Profissão:	
10. Ocupação:	
<input type="checkbox"/> Empregado do setor público	
<input type="checkbox"/> Empregado do setor privado	
<input type="checkbox"/> Empregador (urbano ou rural)	
<input type="checkbox"/> Agricultor (familiar)	
<input type="checkbox"/> Autônomo	
<input type="checkbox"/> Estudante/Bolsista/Estagiário	
<input type="checkbox"/> Do lar	
<input type="checkbox"/> Empregado doméstico	
<input type="checkbox"/> Aposentado/Pensionista	
<input type="checkbox"/> Outro (especificar ao lado)	
Localidades – Nasceu em (cidade):	
1. Local em que morou na infância (bairro, cidade):	
2. Locais em que já residiu (bairros, cidades):	
3. Local em que reside atualmente (bairro, cidade):	
4. Reside na localidade há quanto tempo (em anos)?	
5. Já viveu fora de Porto Alegre? Se sim, por quanto tempo (em anos)?	

Anexo 3: Roteiro de Entrevista

Roteiro de Entrevista – Porto Alegre	
Família	Como é tua família? É grande? Tens irmãos (filhos, netos)? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? Visitas teus familiares? Quem? Com que frequência? O que fazem juntos?
Trabalho	Trabalhas/estudas? Onde? Se em empresa, é nacional ou multinacional/faz comércio exterior? Se funcionário público: De que área? Quando fizeste o concurso? Como são teus horários/rotina de trabalho? Como é o teu local de trabalho (estudo)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá? Por que escolheste tua ocupação? Realizas algum trabalho voluntário? Se sim: Qual?
Lazer Amizades Culinária	O que tu costumavas fazer no teu tempo livre? Com quem? Onde? Vais ao cinema, assistes a filmes em DVD/TV a cabo/Internet? Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? Sabes cozinhar? Gostas? Qual é teu prato favorito? Como é preparado? Costumas comer comidas diversificadas? Quais? Onde? Tu viajas? Quando? Por quanto tempo? Para onde?
Bairro Habitação Transporte	Há quanto tempo moras neste bairro/local? Gostas do lugar? Como era antigamente? Já aconteceu algo contigo que te fizesse pensar: 'Que bom morar aqui!', ou 'Morar aqui não é bom'? Se sim, o que aconteceu? Moras em casa ou em apartamento? Tens vizinhos? Como são eles? Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Quais? Associação de Bairro? Festa da comunidade? Participas? Como é o transporte aqui? Tem muitas linhas de ônibus? Tu usas? Quais?
Cidade	Como é o trânsito em <i>Porto Alegre</i> ? Lembras da cidade há alguns anos? O que mudou aqui? Em termos de trabalho/emprego, como está <i>Porto Alegre</i> ? O que se faz aqui? As pessoas têm emprego? Quais são os empregos mais comuns? Considere as quatro zonas de Porto Alegre - sul, norte, leste, central. Tu transitas em alguma delas? Com que propósito? Com que frequência? Gosta dela(s)? Sim/não, por quê? O que tem lá de diferente? Como as pessoas são? Têm um jeito específico de vestir, agir, falar, etc.? Gostarias de viver em outro lugar? Por quê? O que tu achas mais importante para <i>Porto Alegre</i> ? Escolha dois dos seguintes itens: () Aumentar o efetivo policial e equipar a polícia. () Investir em cultura e lazer. () Preservar a natureza. () Melhorar o transporte coletivo.
Religião	Praticas alguma religião? Qual? Tem missa/culto? Fazes parte?
Línguas	Falas/entendes outra língua? Qual? Com quem falas? Em que situações usas a língua?
Infância	O que tu lembras de tua infância? Brincavas de que/com quem? Ouvias estórias? Quem contava? Lembras de alguma? Qual? Conta.
Estudos	Foste/vais à escola? Qual? Como eram/são as aulas? Lembras de algum professor/disciplina/matéria/aula? Por quê? Fazes algum curso complementar? Qual?
Costumes antigos	Como eram as celebrações (Natal, Páscoa, aniversário, Ano Novo) em família? Lembras de ter ganhado algum presente marcante? O que fazias nas férias? Onde passavas as férias? Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste? Já correste algum risco de vida? Se sim: Qual? Se não: Conheces alguém que já correu?
Vida afetiva	Tens algum relacionamento afetivo? Como conhecestes teu marido/esposa/namorado(a)? Como foi o namoro/casamento?
Comportamento	Como vivem os jovens hoje? Como é seu comportamento em relação aos pais/trabalho/namoro/estudo? Qual é a tua opinião sobre a descriminalização do uso das drogas? O que te parece o comportamento de certas pessoas em público ao falar ao celular/fumar/transitar com animais de estimação/não usar fones de ouvido no ônibus?
Violência	Tu achas <i>Porto Alegre</i> violenta? Na tua opinião, quais são as causas da violência? O que se poderia fazer a respeito?
Política	O que achas dos políticos brasileiros em geral? Há algum que te chame atenção por seu bom exemplo/mau exemplo? Quem?
Meios de comunicação	Assistes a TV? Que programas? Ouves rádio? Quais? O que achas dos programas?
Computador/ Web	Usas Internet (computador/smartphone/tablet)? Quando/para quê?